

KARINA MENDES DA COSTA

**CONEXÃO E SOLIDÃO: UMA ANÁLISE
DAS RELAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DO
FILME *HER***

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016

KARINA MENDES DA COSTA

CONEXÃO E SOLIDÃO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DO FILME *HER*

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Moreira Mazetti

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada “Conexão e solidão: uma análise das relações sociais a partir do filme *Her*”, de autoria da estudante Karina Mendes da Costa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Arthur Meucci
Curso de Pedagogia da UFV

Prof. Dr. Rubens Leonardo Panegassi
Curso de História da UFV

Viçosa, 21 de novembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Iris e Carlos, pelo apoio, por acreditarem em mim e também pelos sacrifícios feitos para que eu pudesse realizar o meu sonho.

Ao meu irmão, Bruno, pelo incentivo de sempre.

Ao professor Henrique Mazetti, por não desistir de mim e, principalmente, por não me deixar desistir.

A todas essas pessoas lindas do DCM, que já me ajudaram demais: Carla, Priscila, Leandro, Diogo, Jones, Juliano e Albert.

Mariana Diniz, essa menina com tantos sobrenomes de realeza que é sempre melhor colocar um só. Obrigada por alegrar meus dias.

Sofia Prevatto, por sempre estar presente e ser uma linda.

Jéssica Miranda, por ser a melhor amiga que eu poderia ter encontrado em Viçosa.

Adriana, Anna e Karine, por entenderem a distância e nunca deixarem de fazer parte da minha vida.

Evandro Teixeira, por ter sido a pessoa que mudou os meus dias e me mostrou um mundo muito melhor.

E, finalmente, ao Mateus Dias, que eu nem saberia por onde começar a agradecer. Mas, resumindo, obrigada por ser essa pessoa maravilhosa! Eu ainda não sei o que teria sido de mim sem você nessa universidade.

RESUMO

As relações sociais contemporâneas se alteram cada vez mais com a possibilidade de conexões digitais quase ininterruptas. Entretanto, a possibilidade de estabelecer mais contatos no espaço virtual não significa que os indivíduos estejam menos suscetíveis à solidão e ao isolamento social em suas vidas. O presente trabalho aponta reflexões acerca do modo como nos relacionamos na sociedade contemporânea, em meio a conexões à internet e mídias digitais, e como isso afeta e altera nossas relações pessoais. Dessa forma, o texto apresenta uma interpretação do filme *Her* – traduzido como *ELA* para o Brasil – a fim de identificar em seus personagens a solidão que se dá em suas vidas, mesmo em meio a uma sociedade extremamente conectada. O longa-metragem, produzido pelo diretor Spike Jonze, traz em sua composição diversos personagens que precisam lidar com os relacionamentos e a solidão, numa sociedade em que as relações se definem por meio das mídias digitais. Para a análise, foram utilizados referenciais teóricos que pudessem contribuir para a exposição das principais mudanças culturais pelas quais as sociedades e os indivíduos passaram ao longo do tempo e que culminaram na solidão do sujeito. Assim, autores como Martino (2015), Deuze (2013) e Turkle (2012) foram utilizados para falar sobre internet e laços sociais; Sennett (1988), Lipovetsky (1983), Giddens (1993) e Illouz (2011) serviram como referencial para a escrita sobre o individualismo e a solidão na cultura contemporânea; e, ainda, Kellner (2001), Silverstone (2002) e Steinke (2015) foram usados para dialogar sobre representações culturais no cinema.

PALAVRAS-CHAVE

Solidão; internet; filme *Her*; sociedade contemporânea; conectividade; sociabilidade

ABSTRACT

Currently modern social relations are increasingly altered by the probability of almost uninterrupted digital connections between people. However, the possibility of establishing more contacts in virtual space does not mean that individuals are less susceptible to loneliness and social isolation in their lives. Thus, the present text seeks to reflect about how we relate on modern society in the midst of technologies that connect us on *internet* and digital media and how this affects and alters our personal relationships. Therefore, the study seeks out an interpretation of the film *Her* - translated as *ELA* into Portuguese in Brazil - in order to identify in its characters the loneliness that occurs in their lives, even in the middle of extremely modern technologies. The film produced by director Spike Jonze features in his composition several characters who need to deal with relationships and solitude in a society in which relationships are defined through digital media. The theoretical references used for the analysis seek to contribute to exemplify the major cultural changes by which societies and individuals have passed over time and culminated in the solitude of subject. Therefore, authors such as Martino (2015), Deuze (2013) and Turkle (2012) were used to explain the relationship between internet and social ties; Sennett (1988), Lipovetsky (1983), Giddens (1993) and Illouz (2011) served as a reference for writing about individualism and solitude in contemporary culture; And Kellner (2001), Silverstone (2002) and Steinke (2015) were used to deepen the knowledge over cultural representations in cinema.

KEYWORDS

Loneliness; internet; *Her* movie; modern society; connectivity; sociability

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	13
1.1 Internet e laços sociais	13
1.2 O individualismo e a solidão na cultura contemporânea	19
1.3 Representações culturais no cinema	28
CAPÍTULO II	32
2.1 Descrição	32
2.2 Metodologia	35
CAPÍTULO III	37
3.1 Solidão com a máquina	37
3.2 Solidão a dois	46
3.3 Solidão do efêmero	49
3.4 Solidão buscada	52
3.5 Solidão nas cartas	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	43
Figura 2	43
Figura 3	45
Figura 4	45
Figura 5	47
Figura 6	47
Figura 7	51
Figura 8	51
Figura 9	54
Figura 10	54
Figura 11	55
Figura 12	55

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias de informação e comunicação nos possibilitaram estar em estado de conexão praticamente contínua, despertando a “ansiedade de conexão”, como propõe Turkle (2012), quando nos vemos fora do espaço virtual ou do alcance online. Ao mesmo tempo, nos deparamos com variadas redes de relacionamento que se constroem no meio online, abrindo mão do contato físico entre sujeitos. Aplicativos de comunicação e redes sociais que prometem socialização entre seus usuários são cada vez mais requeridos em nossa sociedade. Como indicam Sá e Polivanov (2013, p.15), elas são hoje em dia “um fenômeno central da cibercultura, afetando as práticas sociocomunicativas cotidianas em escala mundial”. De acordo com dados de um relatório disponibilizado em 2016 pela empresa responsável pela rede social *Facebook*, atualmente, 3,2 bilhões de pessoas têm acesso à internet, o que indica um crescimento de 10% em relação aos 2,9 bilhões encontrados na pesquisa anterior, em 2014.¹

As empresas buscam cada vez mais formas de levar acessibilidade a todas as partes do mundo, utilizando estratégias como barateamento e adaptação das condições de prestação do serviço. A expectativa é de que até 2020, cerca de um milhão de novas pessoas terão acesso à rede, diminuindo a parcela da população mundial não conectada. Os dados publicados pela empresa responsável pelo *Facebook* não diferem muito dos divulgados pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), que faz parte da Organização das Nações Unidas (ONU) e publica anualmente o relatório *Medição da Sociedade da Informação*, contendo dados atualizados sobre as telecomunicações e uso da internet. Segundo o último relatório², publicado em 2015, esse número de 3,2 bilhões se restringia a 400 milhões de pessoas conectadas à internet no ano 2000.

No entanto, embora tenha ocorrido o aumento do acesso às mídias digitais, da conectividade e da comunicação online, ao contrário da aparente expectativa inicial, não se faz garantida a diminuição da solidão do indivíduo moderno. Com as relações e trocas sendo realizadas cada vez mais por intermédio dos meios digitais, muito da construção de relacionamentos e do contato entre as pessoas se perde, mesmo que estejam se criando outras formas de interação. Isso porque, supostamente, se passamos a maior parte do nosso tempo com a atenção focada nos aparelhos digitais, perdemos o que está acontecendo ao nosso redor,

¹ Relatório disponível em: <<https://fbnewsroomus.files.wordpress.com/2016/02/state-of-connectivity-2015-2016-02-21-final.pdf>> Acesso em: 10 set. 2016.

² Dados disponíveis em <<https://nacoesunidas.org/em-15-anos-numero-de-usuarios-de-internet-passou-de-400-milhoes-para-32-bilhoes-revela-onu/>> Acesso em: 10 set. 2016.

realizamos menos conexões reais e, assim, apesar da ideia de conectividade, nos tornamos mais solitários. Para Deuze (2013, p.122), a mídia e os objetos midiáticos suprimem a atenção ativa do ser humano ao seu redor imediato, já que “quando vivemos na mídia, de uma forma ou de outra, nós nos tornamos menos cientes de nossos ambientes, menos sintonizados em nossos sentidos, e, assim: mais como autômatos sem vida.”

A noção de conectividade, de se estar conectado com várias pessoas ao mesmo tempo por meio da tecnologia, passa a ser usada para substituir em alguns momentos a noção de se estar só. Porém, é necessário lembrar que as ferramentas de sociabilidade indispensáveis no contato real e que são prescindidas no contato virtual, fazem sentir sua ausência fora desse contexto. Os relacionamentos não virtuais exigem que os sujeitos envolvidos desenvolvam uma série de habilidades sociais que podem estar se perdendo pela falta de interesse e pela velocidade dos acontecimentos, em função das habilidades necessárias para o contato virtual.

Obviamente, não se pode julgar exclusivamente as mídias digitais e as tecnologias de comunicação online pela diminuição da proximidade pessoal, do contato direto, face a face entre os indivíduos. Entretanto, a proximidade virtual se encaixa nos padrões de uma modernidade que busca a rapidez na realização dos contatos e o não aprofundamento das relações pelo medo do comprometimento. Nesse sentido, Bauman (2004, p.40), ao tratar da liquidez e efemeridade dos relacionamentos modernos, aponta que “A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum”.

A ideia inicial da monografia partiu da vontade de se estudar a solidão no mundo contemporâneo. Logo, após a definição do tema, foi necessário pensar em um objeto empírico que pudesse servir como exemplo material para a discussão. A produção cinematográfica *Her*, foi escolhida por consideramos o cinema como um modo de representação cultural que poderia ilustrar a proposta temática. Assim, foi utilizada uma visão direcionada para o tema a ser abordado, empregando o filme, dessa forma, como exemplo que ajuda a materializar a discussão conceitual sobre a solidão.

O filme *Her* (traduzido como *Ela*, para o português) – com direção e roteiro de Spike Jonze – foi lançado no ano de 2013. O longa traz um protagonista, e grande parte de uma sociedade, que acaba preferindo estabelecer vínculos e manter relacionamentos com sistemas operacionais, que funcionam como uma espécie de mídia para esses sujeitos, ao invés de relacionarem-se com outras pessoas. Theodore Twombly (interpretado por Joaquin Phoenix), adquire um sistema operacional com consciência e programado para atender as necessidades de

seu proprietário, principalmente a de ser uma companhia. Mas ele começa a desenvolver um relacionamento romântico com seu sistema. Segundo a sinopse oficial, “essa história de amor não convencional mistura ficção científica e romance em um doce conto que explora a natureza do amor e as formas como a tecnologia nos isola e nos conecta”³. Desse modo, a produção cinematográfica será empregada e analisada como forma de discutirmos a solidão do indivíduo contemporâneo e, principalmente, da sociedade conectada em que vivemos – e de como isso altera nossas formas de sociabilidade.

Baseados no modo como são realizadas as relações de sociabilidade na sociedade representada no filme *Her*, temos como propósito demonstrar como a internet e as mídias digitais, tão presentes em nossos cotidianos, modificam a forma como nos relacionamos uns com os outros. Assim, se transformam também as noções de solidão e isolamento dos indivíduos que se inserem nessa sociedade. É importante ressaltar que, embora o filme não tenha uma demarcação temporal definida, acreditamos se tratar de uma Los Angeles futurista, ele representa adequadamente a nossa sociedade contemporânea, ainda que tenha uma tecnologia aparentemente mais avançada.

Assim, a primeira parte do trabalho é dedicada ao capítulo teórico, dividido em subseções que falam sobre questões importantes para se compreender a construção do presente trabalho e o tema que ele evoca. O tópico “Internet e laços sociais” expõe sobre como as novas formas de sociabilidade possibilitadas pela internet estão alterando o modo como construímos, mantemos, firmamos ou desfazemos rapidamente nossos laços sociais. Já o tópico “Solidão e individualismo na cultura contemporânea” demonstra algumas das transformações culturais que ocorreram ao longo dos tempos e culminaram no processo de individualismo e solidão enfrentado pelo indivíduo moderno. Por fim, o tópico “Representações culturais no cinema” justifica a escolha de uma produção cinematográfica para se realizar o estudo da relação entre solidão e as novas tecnologias de comunicação.

A segunda parte do trabalho é dividida em dois tópicos. No primeiro, temos a descrição do filme em si – além de uma breve explicação do roteiro. O tópico também traz as características de produção e direção do longa. Já o segundo tópico é dedicado à exposição da metodologia escolhida para realizar a análise do filme *Her* em função dos textos e do tema proposto.

³ Sinopse completa disponível em <<https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/her-filme-de-spike-jonze-ganha-titulo-e-sinopse/>> Acesso em: 29 out. 2016.

A terceira parte do trabalho, referente ao capítulo III, é dedicada a interpretação do filme em função das teorias expostas no primeiro capítulo. Nela, trazemos a análise do longa-metragem, na qual foi realizado um recorte referente aos temas que se destacaram em relevância para a nossa pesquisa.

CAPÍTULO I

Neste capítulo apontaremos o modo como as mídias digitais e a comunicação online supostamente estão alterando a forma como os indivíduos na sociedade contemporânea se relacionam uns com os outros. Nele, veremos conceitos teóricos que serão importantes na interpretação e compreensão do filme. Dessa forma, iniciaremos com uma exposição sobre o modo como a internet promove meios que alteram as antigas formas de sociabilidade e como isso interfere na construção dos relacionamentos modernos. A segunda parte deste capítulo trará algumas das modificações que ocorreram na cultura das sociedades e que nos ajudam a compreender o indivíduo contemporâneo. Já a terceira e última parte se configura por apontar a relevância da escolha de uma produção cinematográfica para compreendermos a forma como é representada a solidão na nossa sociedade.

1.1 Internet e laços sociais

Vivemos em uma sociedade aparentemente cada vez mais marcada pela construção da sociabilidade, das relações sociais, por meio da tecnologia, das mídias digitais e redes de relacionamentos virtuais. As mídias digitais se tornaram um campo onde as relações sociais se desenvolvem de maneira intensa. A internet passa a ser pensada como o espaço em que estamos e construímos nossas identidades. Estar na internet se tornou praticamente uma forma de se afirmar que se está presente no mundo, já que, de certa forma, a sociedade impele os indivíduos a participarem da rede. Se, segundo o dito popular, “Quem não é visto, não é lembrado”, a internet se torna em nosso tempo o lugar para ser visto e constantemente lembrado por meio da presença massiva dos seus usuários.

Por consequência, quem não está conectado à rede pode se ver, de certo modo, excluído dessa realidade, gerando a sensação – real ou perceptiva - de isolamento social. E não somente para redes sociais, mas, como exemplo, até mesmo para serviços básicos oferecidos pelo governo para as classes mais necessitadas é necessária a realização de cadastro por meio da internet, para que se possa atender a demanda. Bruno (2004), expõe sobre o modo como as novas tecnologias de informação e comunicação, com seus aparatos de vigilância e visibilidade, fazem parte dos dispositivos da sociedade para criar normas que servirão de parâmetro para o sujeito ter sua identidade determinada. A autora discorre sobre o modo como a forma com que os indivíduos se expõem na sociedade, como são vistos e, ainda, como almejam sê-lo, colabora para a construção da identidade e de sua formação como sujeito. Para ela:

Talvez desde os meios de comunicação de massa a entrada no campo do visível equivale à entrada no mundo comum onde o necessário reconhecimento pelo outro dignifica e autentifica a existência individual. A exposição de si na Internet constitui um segundo passo nesta demanda por visibilidade na medida em que esta se desconecta do pertencimento ao mundo extraordinário da fama, do sucesso e da celebridade para se estender ao indivíduo qualquer, naquilo mesmo que ele tem de mais ordinário e banal. (BRUNO, 2004, p.119)

Ao traçar alguns aspectos sobre a forma como a comunicação online e as mídias digitais influenciam diretamente no nosso cotidiano, Luís Martino (2015) propõe que o modo como os indivíduos vivem em sociedade é ditado por meio da criação de laços, que variam conforme os vínculos são estabelecidos e mantidos. O advento dessas novas formas de comunicação de mídia, por sua vez, modificou o modo como a sociabilidade ocorre. Se anteriormente às tecnologias de conexão, como a internet, esses laços careciam de proximidade física entre os indivíduos, com as evoluções delas o cenário se altera, modificando também as noções de tempo e espaço.

A partir do final do século XX a noção de “lugar” passa por uma alteração considerável. As conexões sem fio, os dispositivos móveis de comunicação, como *smartphones* e *tablets*, somados à expansão das redes *wi-fi*, liberam o indivíduo do lugar onde estava. A conexão entre lugares foi substituída pela conexão entre pessoas. (...) As relações passaram a ser entre *indivíduos*.

A conexão direta entre indivíduos que transitam entre várias redes, grupos e ligações sem necessariamente manter laços fortes com nenhuma, é o que Wellman denomina “individualismo conectado”. (MARTINO, 2015, p.139-140)

Dessa forma, Martino (2015) evoca a teoria do individualismo conectado, de Wellman, para explicar a nova configuração de sociabilidade supostamente causada pelo desenvolvimento tecnológico das mídias. Para o autor, nesse contexto, os indivíduos deixam de focar a comunicação num grupo e seus ideais e passam a dar ênfase em suas próprias necessidades e vontades, formando vários vínculos, porém, superficiais e efêmeros. Aumentam as conexões, no entanto, diminui a intensidade das relações, considerando que estão todos mais voltados para si mesmos.

Ao identificar esse novo comportamento social, de se estar conectado com o maior número de pessoas e o máximo de tempo possível, favorecido pela internet e pela ascensão das tecnologias móveis de comunicação, Mark Deuze (2013) aponta para o modo como deixamos de apenas viver *com* a mídia para viver *na* mídia. Se antes da evolução das tecnologias e, por consequência, da internet, apenas recebíamos as informações que advinham da mídia, hoje, estamos integrados a ela, não sendo apenas receptores, mas parte dela. Para o autor:

(...) o uso das mídias pelas pessoas em uma escala global se move na direção das chamadas tecnologias *sociais* e em *tempo real*. A adoção global de redes sociais online é parte de uma tendência maior na dança entre mídia e vida cotidiana em direção à predominância de artefatos sempre ligados e conectados e atividades que se tornam os alicerces para o arranjo da sociabilidade humana. (DEUZE, 2013, p.115)

Nós queremos estar conectados e ativos, aparentemente, numa relação de troca. Exemplo disso é que uma característica marcante das redes sociais é que postamos os nossos interesses, mas também procuramos saber dos interesses dos nossos amigos. Nós somos mídia, e talvez uma mídia muito mais forte e interessante, do ponto de vista de que o que realmente vai nos chamar a atenção é o que está diretamente ligado às nossas vidas. Tomando como exemplo as mídias de comunicação mais usuais, como a televisão, esse interesse já foi detectado pelos meios e grande parte das emissoras tiveram sua programação de telejornais adaptados, focando no jornalismo local.

Porém, apesar de destacar o fato de que, para ele, as novas relações que construímos na mídia servem para “minar hierarquias institucionais e introduzir mobilidade nas relações sociais” (DEUZE, 2013, p.115-116), o autor reflete sobre um ponto importante, que é o fato dessa possibilidade de conexão 24 horas por dia nos transformar em seres deveras conectados à rede, mas alheios ao mundo ao nosso redor. Deuze (2013) se apropria do termo “zumbis” para caracterizar os indivíduos que fazem parte da sociedade contemporânea e apresentam esse comportamento:

Esse uso intensivo e imersivo pode ser visto como nossa transformação em viciados impotentes, escravos das máquinas – *zumbis*. Nós somos zumbis no sentido em que sucumbimos acéfalos ao chamado de nossos aparelhos; somos zumbis porque usamos as mídias de modos que apagam nossas distinções como indivíduos. (DEUZE, 2013, p.114)

Martino (2015) também aponta para o fato das pessoas estarem cada vez mais ligadas às suas mídias digitais e interagindo menos com as pessoas ao seu redor imediato. Esse comportamento, no entanto, poderia estar encaminhando as pessoas a um ciclo no qual, primeiro, a pessoa se sente solitária e busca as mídias digitais para suprir a solidão; ao mesmo tempo, estando conectada, deixa de prestar atenção à realidade ao seu redor e, assim, gerar novos vínculos (ou fortalecer os já existentes), o que ocasiona mais solidão. Para ele, as pessoas se conectam para buscar companhia e, estando conectadas, perdem o contato real com as outras. Segundo o autor “Para escapar da solidão que caracteriza boa parte da vida contemporânea, as pessoas se conectam em redes virtuais. (...) Quanto mais as pessoas se conectam, no entanto, mais solitárias ainda elas ficam. (MARTINO, 2015, p.123)”.

A pesquisadora Sherry Turkle (2012) destaca o modo como as tecnologias digitais se integram no cotidiano das pessoas. A internet e as tecnologias da informação e comunicação estão imersas no dia-a-dia e as relações acabam se definindo por meio dessas mídias digitais. Dessa forma, elas interferem não somente nos hábitos, mas na construção da identidade dos indivíduos, no que somos. As pessoas encaram a solidão como um problema e buscam a conexão como forma de resolvê-lo. Para Turkle (2012), a relação direta entre indivíduos, se transforma na relação entre indivíduos mediada pela tecnologia e, por fim, na relação indivíduo-máquina.

Assim como Martino (2015), Turkle (2012) também aponta para o fato de que na sociedade contemporânea somos solitários mas tememos a intimidade e não estamos dispostos a investir tempo desenvolvendo nossas relações. Dessa forma, a tecnologia serve como um instrumento de controle dos relacionamentos, já que uma relação virtual impõe limites bem estabelecidos e possibilita aos indivíduos administrarem o quanto podem, ou querem, revelar de suas intimidades; e podem escolher, ainda, o nível de intimidade que essa relação terá. Ou seja, nós usamos a conectividade contra a solidão e, ao mesmo tempo, para controlar a intensidade das nossas conexões e intimidades.

A autora destaca, ainda, a forma como, embora estejamos sempre conectados, nos sentimos carentes de atenção, tão necessária para a formação de laços sociais mais aprofundados. Distraídos com a possibilidade de contato simultâneo com várias pessoas, nos perdemos na tecnologia em si e acabamos por negligenciar os indivíduos por trás dela, na outra ponta da conexão. Estamos atentos a tudo, mas tomamos consciência de muito pouco.

Online, nós facilmente encontramos “companhia”, mas estamos exaustos pelas pressões de performance. Nós desfrutamos de conexão contínua, mas raramente temos a total atenção uns dos outros. Podemos ter um público instantâneo, mas encurtamos o que dizemos uns aos outros em novos gêneros redutores de abreviação. Nós gostamos que a Web nos “conheça”, mas isso só é possível porque comprometemos nossa privacidade deixando migalhas de pão eletrônicas que podem ser facilmente exploradas, tanto política quanto comercialmente. Temos muitos encontros novos, mas podemos experimentá-los como provisórios, para serem colocados “em espera” caso apareçam outros melhores. De fato, novos encontros não precisam ser melhores para captar a nossa atenção. Ficamos entusiasmados a responder positivamente apenas por serem novidade. Podemos trabalhar de casa, mas nosso trabalho se entranha em nossas vidas privadas até mal conseguirmos discernir os limites entre eles. Gostamos de poder alcançar uns aos outros quase que instantaneamente, mas temos que esconder nossos telefones para nos forçar a ter um momento de silêncio.⁴ (TURKLE, 2012, p.251, tradução nossa)

⁴ Texto original: Online, we easily find “company” but are exhausted by the pressures of performance. We enjoy continual connection but rarely have each other’s full attention. We can have instant audiences but flatten out what

Outro ponto importante levantado por Turkle (2012) é o modo como realizamos uma espécie de “corporificação” do outro por meio das nossas tecnologias de comunicação. A autora utiliza a expressão “*embodies*” para ilustrar o modo como os aparelhos se tornam algo próximo à personificação do outro.⁵ Já Illouz (2011), ao falar da forma como os novos modelos de comunicação e afetividade alteram os modos e configurações de sociabilidade da sociedade contemporânea, atenta para o fato de que, além da corporificação por meio dos aparelhos eletrônicos, estamos deixando de considerar necessária a presença física para que haja contato e, ainda, passando a considerar que a ausência corpórea esteja facilitando o desenvolvimento das relações. Ao tratar da romantização da internet, a autora aponta

O que torna o romance na rede tão incontestavelmente superior aos relacionamentos da vida real é o fato de que o romance cibernético anula o corpo, e por isso, supostamente, faculta uma expressão mais plena do eu autêntico. (...) Na cultura do computador, a corporalização é comumente representada como uma barreira lamentável à interação com os prazeres computacionais. (ILLOUZ, 2011, p.108)

Dessa forma, os laços sociais se mantêm aquém da presença física. A construção da sociabilidade na internet não requer a corporificação do sujeito. Assim, ao mesmo tempo em que se facilita a presença constante e, desse modo, também a sensação de que o outro se faz presente na sua vida, também se pode deixar esse vínculo de lado a qualquer momento, ao se ficar *offline*. Para Martino (2015), a noção de proximidade que a internet confere pode ser decisiva no desenvolvimento das relações online:

A proximidade física, em si, não significa necessariamente que se esteja em relação com outra pessoa. Mais importante do que essa, é a chamada *proximidade funcional*, isto é, a *percepção* de proximidade com alguém. Essa sensação pode ser constituída em qualquer ambiente, seja físico ou virtual. Os relacionamentos tendem a se afirmar conforme maior for essa percepção de proximidade entre os participantes, o que garante algum tipo de interação. Nesse ponto, a utilização dos recursos da internet para a manutenção das

we say to each other in new reductive genres of abbreviation. We like it that the Web “knows” us, but this is only possible because we compromise our privacy, leaving electronic bread crumbs that can be easily exploited, both politically and commercially. We have many new encounters but may come to experience them as tentative, to be put “on hold” if better ones come along. Indeed, new encounters need not be better to get our attention. We are wired to respond positively to their simply being new. We can work from home, but our work bleeds into our private lives until we can barely discern the boundaries between them. We like being able to reach each other almost instantaneously but have to hide our phones to force ourselves to take a quiet moment. (TURKLE, 2012, p.251)

⁵ Ao falar sobre a lista de contatos de emergência de uma adolescente entrevistada por ela, a autora cita o modo como, apesar das pessoas nessa lista não estarem física, ou até mesmo cotidianamente, presentes na vida da menina, o contato delas no celular gera a impressão de estarem. “Her cell phone embodies their presence” (p.222)

amizades, aparentemente seriam suficientes para garantir a manutenção de um relacionamento. (MARTINO, 2015, p. 131)

Martino (2015) ao debater sobre a “Teoria da Solidão conectada”, de Turkle (2012), discorre a respeito do tema de forma a complementar a ideia do dilema entre ter um envolvimento real e/ou perder a intimidade, que pode levar cada vez mais as pessoas a escolherem a sociabilidade e a criação de laços sociais por meio da internet. O autor aponta para o fato de que o movimento de preferir os relacionamentos fisicamente presentes (ou reais) em função do contato por meio das mídias digitais derivaria da possibilidade das tecnologias não apenas ajudarem a diminuir a sensação de solidão, mas também delinarem as fronteiras entre um relacionamento mais próximo e um que possa ser facilmente controlável.

Em outras palavras, as mídias digitais possibilitam que se tenha proximidade, mas também distância, dando conta do que o autor aponta como um medo contemporâneo de “criar vínculos muito próximos com outras pessoas” (MARTINO, 2015, p.124). Outro fator residiria na velocidade da vida contemporânea, na qual as pessoas não querem/podem despende tempo suficiente para aprofundar os relacionamentos, provocando superficialidade. Para o autor:

O individualismo contemporâneo, a velocidade das relações pessoais e a flexibilidade dos vínculos (...) se mostraram condições ideais para a realização dos potenciais da comunicação digital. Em suas palavras [Siegel], em um mundo “confuso, fragmentado e desconectado”, a internet providencia formas diversas de conexão e sociabilidade adequadas a esse contexto. (MARTINO, 2015, p.127)

Dessa forma, acompanhamos uma sociedade que encontra tantas vantagens na criação de laços sociais por meio da internet que pode acabar fazendo da mesma o principal meio de contato com o mundo. Se a solidão do sujeito moderno ocorre de maneira acompanhada, num processo paradoxal, se faz necessário questionar se as tecnologias estão realmente nos deixando mais próximos uns dos outros ou, na contramão, nos distanciando. Para entendermos o modo de sociabilidade da contemporaneidade, e a forma como se desenvolve nas mídias digitais, comunicação online e na internet, é importante compreender como se deu o processo de mudança cultural nos indivíduos e que possibilitou esse cenário. O tópico seguinte abordará algumas dessas mudanças na sociedade que podem ser consideradas como relevantes para a compreensão do contexto em que encontramos e relacionamos a solidão e as novas formas de sociabilidade possibilitadas pela internet e mídias digitais.

1.2 O individualismo e a solidão na cultura contemporânea

Antes mesmo do advento das tecnologias mais modernas de comunicação e da internet, os indivíduos passaram por algumas modificações culturais na sociedade que influenciaram o comportamento contemporâneo e o modo como sociabilizam, como veremos a seguir. Essas modificações ao longo do tempo teriam ajudado a construir o que identificamos como a solidão e o individualismo na cultura contemporânea. Embora escrevesse em um contexto temporal diferente, ainda um pouco distante da proporção que a internet tomou na atualidade e nas maneiras de interação entre sujeitos, Lipovetsky (1983) identifica algumas dessas alterações que podem ter provocado o individualismo contemporâneo. Assim, escolhemos o autor para nortear e ilustrar o modo como esses processos se deram num contexto histórico e complementaremos a discussão com outros autores e textos mais recentes, que contemplem o momento contemporâneo de forma mais pungente.

O autor aponta a sociedade pós-moderna⁶ como o ponto principal onde teria se destacado o processo de personalização, que “promoveu e incarnou maciçamente um valor fundamental, o da realização pessoal, do respeito pela singularidade subjetiva, da personalidade incomparável” (LIPOVESTKY, 1983, p.7). Este, teria sido essencial para o desenvolvimento do individualismo. Assim, o indivíduo deixa de se preocupar com a esfera pública em função da esfera privada. Para Lipovetsky (1983), a ideologia individualista surge ainda na modernidade mas aprimora-se na pós, já que na modernidade ainda havia traços mais fortes de uma identificação com o grupo pela finalidade de se obter um movimento de quebra dos padrões preestabelecidos pela sociedade.

Nesse sentido, ao falar sobre a transformação da intimidade, Giddens (1993), também aborda o processo no qual o indivíduo busca sua identidade. Assim, este vê ocorrerem as mudanças na esfera pessoal e em seus relacionamentos, assim como na sexualidade, e no modo como isso vem à público, com as discussões acerca do posicionamento do sujeito moderno no mundo. Daí a importância que passa a ser dada para a construção da imagem desse sujeito na sociedade, que na modernidade ainda se dá através dos grupos. Giddens (1993) aponta:

⁶ Para Lipovetsky, o fim dos anos 60 é o começo da cultura pós-moderna. Se faz necessário explicitar, também, sobre a fluidez com que ocorre a utilização dos termos modernismo e pós-modernismo, assim como sociedade moderna e pós-moderna, pelos autores utilizados ao longo desta monografia. Em trabalhos mais recentes, Lipovetsky emprega o termo “hipermodernidade”, enquanto Giddens utiliza “modernidade tardia” e Baulman classifica como “modernidade líquida”. Outros autores também irão utilizar termos diferentes, ou mudar o que usavam anteriormente. Cabe notar que todos os termos empregados e os conceitos dizem respeito e carregam nuances da cultura contemporânea.

(...) A modernidade está associada à socialização do mundo natural – a substituição progressiva das estruturas e dos acontecimentos que eram parâmetros externos da atividade humana por processos socialmente organizados. Não apenas a própria vida social, mas também o que costumava ser “natureza”, passam a ser dominadas por sistemas socialmente organizados. (GIDDENS, 1993, p. 45)

Assim, se para Lipovetsky (1983), a sociedade moderna é marcada pelas articulações populares, grupos com ideais humanitários e movimentos engajados, a sociedade pós-moderna perde essa intencionalidade em suas ações e prima pelo “eu” em primeiro lugar, desviando o pensamento da sociedade. Se outrora os indivíduos buscavam se integrar a grupos, anulando suas características em função destes e da sensação de pertencimento, agora procuram afirmar uma identidade própria, desejando expressar o que lhes torna únicos. A cultura pós-moderna valoriza a afirmação da identidade pessoal, que o indivíduo seja ele próprio, mas isso acarreta no individualismo. Para o autor:

A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia, em que o novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou, em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso inelutável. A sociedade moderna era conquistadora, crente no futuro, na ciência e na técnica; instituiu-se em ruptura com as hierarquias de sangue e a soberania sacralizada, com as tradições e os particularismos, em nome do universal, da razão, da revolução. Esse tempo desfaz-se diante dos nossos olhos; é em parte contra tais princípios futuristas que as nossas sociedades se estabelecem, nessa medida pós-modernas, ávidas de identidade, de diferença, de conservação, de realização pessoal imediata; a confiança e a fé no futuro dissolvem-se, (...) doravante o que se quer é viver já, aqui e agora, ser-se jovem em vez de forjar o homem novo. (LIPOVETSKY, 1983, p.11)

Outro ponto importante levantado pelo autor é o modo como a ascensão do capitalismo também direcionou a sociedade no rumo do individualismo. Para Lipovetsky (1983), o capitalismo facilita que os homens se tornem indiferentes já que se baseia na efemeridade e na velocidade tanto de produção quanto de consumo. Mas também é influenciado por esse novo movimento individualista da sociedade, se transformando em um “capitalismo hedonista e permissivo” (LIPOVETSKY, 1983, p.48) já que agora se dá em função de saciar os desejos dos indivíduos. O autor aponta a sedução despertada pelo consumo e pela possibilidade facilitada de mais escolhas como um dos pontos de ligação entre o capitalismo e o culto do hedonismo dessa sociedade. Para ele:

Mas é com o aparecimento do consumo de massa nos EUA, nos anos vinte, que o hedonismo, até então apanágio de uma pequena minoria de artistas ou

de intelectuais, se tornará o comportamento geral na vida corrente; é aí que reside a grande revolução cultural das sociedades modernas. Se encarmos a cultura na perspectiva do modo de vida, será o próprio capitalismo e não o modernismo artístico o artesão principal da cultura hedonista. (LIPOVETSKY, 1983, p.79)

Apesar disso, Lipovetsky (1983) não ignora o paradoxo que se dá entre o capitalismo *versus* hedonismo, uma vez que este prega o prazer como estilo e finalidade de vida e aquele uma vida destinada ao trabalho, produção e consumo – ideal fruto da ética puritana. O autor, no entanto, aponta para a coexistência dos dois na sociedade pós-moderna para demonstrar o modo como essa mesma sociedade não se caracteriza por um número de fatores limitados que a constroem, mas pela junção de variados elementos que passaram a constituí-la ao longo dos anos.

Illouz (2011) aponta para o fato de que “os sociólogos têm concebido a modernidade em termos do advento do capitalismo, da ascensão das instituições políticas democráticas ou da força moral da ideia de individualismo” (ILLOUZ, 2011, p.7). Também para a autora, assim como o capitalismo influenciou as relações sociais, ele foi influenciado, considerando a forma como os indivíduos passam a conferir sentimentos a transações capitalistas. Assim, a autora relaciona o modo como o capitalismo influi nos relacionamentos e, ainda, se modifica ao encontrar uma sociedade que passa a usar o afeto e sentimento como elementos nas suas ações econômicas. Illouz (2011) utiliza o termo “capitalismo afetivo” para descrever o que identifica. Para a autora:

(...) O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. (...) repertórios culturais baseados no mercado moldam e impregnam as relações interpessoais e afetivas, e as relações interpessoais encontram-se no epicentro das relações econômicas. Mais exatamente, os repertórios do mercado se entrelaçam com a linguagem da psicologia e, combinados, os dois oferecem novas técnicas e sentidos para cunhar novas formas de sociabilidade. (ILLOUZ, 2011, p.12-13)

O caminho que pode ter levado à solidão e ao individualismo do sujeito contemporâneo ainda apresenta outras vertentes. Se o processo de personalização teria encaminhado para o individualismo, este, por sua vez, teria sido prolongado pelo que Sennett (1988) descreve como o surgimento do narcisismo na sociedade contemporânea. É importante notar que, assim como

Lipovetsky (1983), as considerações de Sennett (1988) também se dão num contexto diferenciado do atual. A comunicação online e as mídias digitais ainda não haviam evoluído tanto quanto na atualidade, mas ambos os autores são necessários para compreender a trajetória da sociedade como um todo e não somente das tecnologias.

Dessa forma, Sennett (1988), explica como era a sociedade antes da noção de individualismo. O autor também identifica um sujeito público que estaria atravessando um momento de afirmação da personalidade. Para ele, ocorre a perda da “identidade coletiva” e do “senso de comunidade” (SENNETT, 1988, p.275), que gera uma nova descrença em uma humanidade comum. Quando os indivíduos passam a focar em si mesmos e deixam de se interessar pelas causas maiores, perdem a identificação com grupos e causas da sociedade como um todo.

Sennett (1988) vai evocar a imagem do narcisismo exatamente como uma forma de explicar o comportamento dos indivíduos de seu tempo. Para ele, o narcisismo da sociedade contemporânea surge como uma forma de resultado das mudanças dessa própria sociedade, que “encoraja o crescimento de seus componentes psíquicos e anula o senso de contato social significativo fora de seus limites, fora dos limites do eu único, em público” (SENNETT, 1988, p.22). Cabe ressaltar aqui o modo como o autor caracteriza esse narcisismo que assolaria a sociedade e seria um dos elementos para a construção do que culminaria na solidão contemporânea:

O narcisismo, no sentido clínico, diverge da ideia popular do amor de alguém por sua própria beleza; num aspecto mais estrito e como um distúrbio de caráter, é a preocupação consigo mesmo que impede alguém de entender aquilo que é inerente ao domínio do eu e da autogratificação e aquilo que não lhe é inerente. Assim, o narcisismo é uma obsessão com “aquilo que esta pessoa, este acontecimento significam para mim”. Este questionamento sobre a relevância pessoal das outras pessoas e de atos exteriores é feita de modo tão repetitivo que uma percepção clara dessas pessoas e desses acontecimentos em si fica obscurecida. Essa introjeção no eu (...)impede a satisfação das necessidades do eu; faz com que, no momento de se atingir um objetivo, ou de se ligar a outrem, a pessoa sinta que “não é isto que eu queria”. Assim, o narcisismo tem a dupla qualidade de ser uma voraz introjeção nas necessidades do eu e o bloqueio da satisfação. (SENNETT, 1988, p.21)

Lipovetsky (1983) também utiliza a ideia do narcisismo para ilustrar o modo de sociabilidade desse indivíduo pós-moderno. Para o autor, existiria um imediatismo e falta de preocupação com o futuro que geram o vazio de uma geração que não consegue ser otimista em relação a esse futuro e, por isso, tem seu foco no agora. O narcisismo contemporâneo se assentaria, assim, na ausência de um projeto coletivo e numa apatia frente aos problemas

estruturais do mundo. Apatia e indiferença seriam, inclusive, favorecidas pela velocidade e abundância com as quais as informações circulam nessa sociedade, caracterizando o que o autor aponta como “indiferença por saturação, informação e isolamento” (LIPOVETSKY, 1983, p.42). Essa mudança na sociedade é primordial para entendermos a situação contemporânea, pois para o autor:

(...) Nem nova versão do “divertimento”, nem alienação – a informação nunca foi tão desenvolvida –, o narcisismo abole o trágico e surge como uma forma inédita de apatia feita de sensibilização epidérmica ao mundo e simultaneamente de profunda indiferença em relação a ele: paradoxo que explica parcialmente a plétora de informações que nos assaltam e a rapidez com que os acontecimentos mass-mediatisados se expulsam uns aos outros, impedindo toda e qualquer emoção duradoura. (LIPOVETSKY, 1983, p.50)

Porém, isso não implica necessariamente na extinção das causas em comum, apenas em um outro modo pelo qual elas são buscadas. Se anteriormente a esse movimento individualista as pessoas buscavam se encaixar em grupos, agora, elas procuram grupos que estejam de acordo com as suas causas. Sennett (1988) encara isso como o processo de “descodificação”, no qual as pessoas simpatizam com grupos apenas pelo fato destes apresentarem algumas características que lembrem a sua própria personalidade. O autor aponta que:

(...) a crença na personalidade pode destruir o senso que a classe trabalhadora pode ter de si mesma e de seus próprios interesses. A lição estaria em que uma tal personalidade, do modo como é concebida na cultura moderna, é inimiga de uma comunidade verdadeiramente política. Mas esta lição é demasiado simplista. Os próprios materiais da personalidade, os próprios símbolos da auto-expressão usados por um Lamartine, podem ser usados coletivamente por grupos envolvidos numa batalha política. Os campos de batalha podem se ver a si mesmos como pessoas em batalha. As pessoas pertencem a um campo ou a um outro pela semelhança com as demais pessoas neste ou naquele campo; (...) Ela constrói uma idéia de sua semelhança com as demais, ela compartilha da identidade, por meio daquilo que (...) chamávamos “descodificação”.

A descodificação implica que se tome um detalhe de comportamento como símbolo para todo um estado de caráter. (...) Procuramos detalhes de comportamento entre as pessoas que esposam uma visão ou outra, para decidirmos qual delas corresponde melhor ao senso que temos de nós mesmos. Estes detalhes se tornam para nós a revelação do caráter verdadeiro do conflito. (SENNETT, 1988, p.293-294)

Sendo assim, ainda que o indivíduo busque um grupo, ele procura apenas algo que seja o reflexo de si mesmo para representar, o que indicaria o individualismo dessa sociedade. O indivíduo dessa cultura contemporânea está centrado em si e não vê a esfera pública, e as intervenções que poderia realizar nela, como prioridade. Ao mesmo tempo, ainda que não se preocupe com a esfera pública, ele não chega a se isolar completamente em si, no seu

narcisismo, e pode se engajar em realizar conexões com grupos de interesses bem específicos nos quais ele se vê. Lipovetsky (1983) entende esse movimento como narcisismo coletivo. Sobre isso, o autor expõe:

(...) Narcisismo coletivo: os indivíduos reúnem-se porque são semelhantes, porque se encontram directamente sensibilizados pelos mesmos objectivos existenciais. O narcisismo não se caracteriza apenas pela auto-absorção hedonista, mas também pela necessidade de grupos de seres “idênticos”, que tornem o indivíduo útil e permitam a exigência de novos direitos, sem dúvida, mas também que o libertem e contribuam para a resolução dos seus problemas íntimos através do “contacto”, do “vivido”, do discurso na primeira pessoa: a vida associativa, instrumento psi. O narcisismo tem o seu modelo na *psicologização* do social, do político, da cena pública em geral, na subjectivização de todas as actividades outrora impessoais ou objectivas. (LIPOVETSKY, 1983, p.15)

Outros fatores também foram relevantes no desenvolvimento das personalidades dos sujeitos e no modo como isso influenciaria a transformação desses indivíduos como seres sociais. Sennett (1988), identifica nas mudanças ocorridas nas sociedades dos séculos XVIII e XIX a importância da oposição e, ao mesmo tempo, a mutualidade, do que se torna público e privado nesse tempo. Com o foco nas noções de público e privado, o autor aponta o modo como os indivíduos transitaram entre as duas vertentes. Ter personalidade nessa época já era valorizado, porém não mais o suficiente. Para ser considerado, agora, era necessário não apenas ter, mas também expô-la. Assim, a personalidade deixa de ficar restrita ao âmbito familiar e privado e passa para o domínio público. Dessa forma:

A entrada da personalidade para dentro do domínio público, no século XIX, preparou a base para essa sociedade intimista, induzindo as pessoas a acreditarem que os intercâmbios em sociedade eram demonstrações da personalidade, e compondo de tal modo a percepção da personalidade que os conteúdos dela nunca chegavam a se cristalizar, e desse modo engajando os homens numa busca obsessiva e infindável de pistas de como os outros e eles próprios eram “realmente”. (SENNETT, 1988, p.271)

Para o autor, tudo isso faz parte do “paradoxo do isolamento em meio à visibilidade pública” (SENNETT, 1988, p.29), trazendo a ideia de que esses indivíduos se encontram em uma sociedade na qual é cobrado que haja exposição da personalidade, mas não necessariamente que isso seja realizado de maneira direta e por meio de socialização. Para que isso seja facilitado, Sennett (1988) aponta, a influência do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa nessa sociedade – embora estes mesmos despertem nos indivíduos o interesse compulsivo pela personalidade (SENNETT, 1988, p.348). Dessa forma, ele expõe:

Os meios de comunicação de massa encorajam o carisma secular, mas dentro de um contexto mais amplo. Têm relação especial com o tema básico de nosso estudo, o surgimento e o declínio da vida pública. A comunicação eletrônica é um meio através do qual a própria idéia de vida pública foi levada a se findar. Os meios de comunicação aumentaram amplamente o estoque de conhecimentos que os grupos sociais tinham uns dos outros, mas tornaram o contato efetivo desnecessário. (SENNETT, 1988, p.344)

Assim, os meios de comunicação em massa teriam provido instrumentos o suficiente para que fosse realizada a exposição da personalidade ao mesmo tempo em que permitiria aos indivíduos se “protegerem” de fazê-la na realidade. Eles possibilitam o conhecimento da vida e dos atos de outrem e da sua, mas ainda assim, guardando algo no isolamento. Para Sennett (1988) os indivíduos têm seu caráter de sociabilidade aumentado quando há barreiras entre eles. Trazendo essa interpretação para os dias atuais, a internet, dentro da sociedade em que se insere, pode ser considerada como uma barreira que aumentaria a sociabilidade. Dessa forma, ela funcionaria como um meio de exposição da personalidade, mas também de isolamento, ilustrando o “paradoxo do isolamento em meio à visibilidade social” proposto por Sennett (1988).

Cabe ressaltar aqui, também, o movimento indicado por Lipovetsky (1983) e que se altera com os meios de comunicação em massa. Se outrora o indivíduo de personalidade narcísica se apoia em terapias de autoconhecimento e no fortalecimento *psi*, com foco na interioridade, internalizando os seus sentimentos, isso muda na sociedade atual. O autor descreve um sujeito discreto, que controla suas exposições públicas de sentimento. Na sociedade contemporânea, o indivíduo ainda mantém o foco na interioridade, mas faz questão de expor grande parte disso na internet. O seu individualismo não se restringe a ele mesmo, por mais paradoxal que possa parecer a afirmação, pois reside num individualismo de “eu” compartilhado – no qual a exposição desse “eu” se torna importante para firmar e reafirmar a sua identidade no mundo. Como apontamos anteriormente, esse indivíduo busca ser conhecido e lembrado em nossa sociedade por meio da exposição da sua personalidade.

Illouz (2011), ao abordar esse processo no qual os indivíduos passam a dar mais importância ao público, e à exposição de suas personalidades, em função do privado, identifica também outras causas. Para a autora, capitalismo, feminismo e a tamanha proporção que a terapia Freudiana tomou nessa sociedade, são elementos que modificaram o modo como se dá a sociabilidade e o “ideal contemporâneo de comunicação” (ILLOUZ, 2011, p.59). Ela destaca o modo como a cultura do século XX se dedica à vida afetiva, a lidar com os sentimentos, como

influência da linguagem da terapia, que teria emergido no período entre as Guerras Mundiais.

A autora aponta:

(...) os credos culturais da terapia, da produtividade econômica e do feminismo se entrelaçaram e se misturaram uns aos outros, fornecendo a lógica, os métodos e o impulso moral para retirar os sentimentos do campo da vida íntima e colocá-los no centro da individualidade e da sociabilidade, sob a forma de um modelo cultural que passou a ter ampla penetração – o modelo da comunicação. Sob a égide do modelo psicológico da “comunicação”, os afetos tornaram-se objetos a serem pensados, expressados, abordados em conversa, discutidos, negociados e justificados, tanto na empresa quanto na família. Enquanto alguns afirmam que a televisão e o rádio foram responsáveis pela sentimentalização da esfera pública, sugiro, antes, que foi a terapia – aliada à linguagem da responsabilização econômica e ao feminismo – que transformou os afetos em microesferas públicas, ou seja, em campos de ação submetidos ao olhar público, regulados por procedimentos discursivos e pelos valores da igualdade e da justiça. (ILLOUZ, 2011, p.56)

A internet, com a facilidade da comunicação online, e as mídias digitais favoreceram esse processo de individualização e, ao mesmo tempo, de busca de reconhecimento e de elementos que aplaquem a solidão. Porém, não modifica o fato dos indivíduos ainda quererem se expor, mas contando com essas barreiras de proteção e isolamento. Bauman (2004), ao tratar da efemeridade das relações contemporâneas, discute a modernidade para refletir sobre como as relações se alteraram com o advento da internet e das redes sociais. O autor destaca a busca das pessoas pelo efêmero que aplaque momentaneamente as suas solidões. Algo que leve à satisfação momentânea, mas que não gere conexões mais profundas:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p.11-12)

Dessa forma, o processo de individualização do sujeito, que terminaria por aumentar o nível de solidão da sociedade contemporânea, apenas aprimorou-se quando a internet se tornou um meio de socialização. Quando os indivíduos resolvem fazer dela o principal meio de contato com o mundo, numa sociedade na qual, conforme vimos historicamente, quase tudo contribui para o isolamento, a internet pode ser considerada uma barreira, ainda que promova a impressão

de facilitar as relações. Assim, a internet altera as formas de sociabilidade na cultura contemporânea, também pelo fato de se encaixar nas necessidades do indivíduo moderno.

Lipovetsky (1983), antes mesmo de detectar essa sociedade hiperconectada, já indicava o modo como as necessidades desses indivíduos se desdobravam de forma a causar a solidão. O individualismo pode ter servido como ponto de partida, mas outros fatores contribuíram, como a falta de vontade de aprofundar as relações, a carência pelo novo, a perda do interesse pelo que já é conhecido e a efemeridade dos relacionamentos. Perde-se a vontade de se dispendir tempo e atenção no desenvolvimento de uma relação, já que a aparência é de que há uma facilidade de se conseguir algo rapidamente para preencher o vazio que seria deixado pela falta dela. O autor aponta:

(...) homens e mulheres continuam a aspirar tanto como antes (ou talvez nunca tenha havido até tanta “procura” afectiva como nesta época de deserção generalizada) à intensidade emocional de relações privilegiadas, mas quanto mais forte é a expectativa mais raro parece tornar-se o milagre fusional, ou, em todo o caso, mais breve. Quanto mais a cidade desenvolve a possibilidade de encontros, mais sós se sentem os indivíduos; quanto mais livres e emancipadas das coacções antigas as relações se tornam, mais rara se faz a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por toda a parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para *fora de si*; de onde uma fuga para a frente de “experiências”, que mais não faz do que traduzir esta busca de uma “experiência” emocional forte. (LIPOVETSKY, 1983, p.73)

Bauman (2004), também vai pontuar sobre as formas de sociabilidade na sociedade contemporânea, mas principalmente com foco no modo como as relações humanas se apresentam mediante à modernidade conectada e na fragilidade dos laços que se constroem. Os problemas apontados pelos autores previamente citados se mantiveram, porém, agora a característica marcante dos relacionamentos se daria em seu desenvolvimento impactado pelas mídias digitais e a comunicação online. Assim, o autor vai destacar o fato de usarmos as relações virtuais para fugir da solidão que tanto assusta o sujeito moderno. Entretanto, o “relacionar-se com” na internet se demonstra uma ação com perda de características importantes que deveriam estar presentes nos relacionamentos reais. Assim:

O outro lado da moeda da proximidade virtual é a distância virtual: a suspensão, talvez até a anulação, de qualquer coisa que transforme a contigüidade topográfica em proximidade. A proximidade não exige mais a contigüidade física; e a contigüidade física não determina mais a proximidade. (...)

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais freqüentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. (BAUMAN, 2004, p.38- 39)

Dessa forma, as tecnologias que possibilitam a sensação de estarmos conectados a outras pessoas a todo o tempo alteram tanto a forma como ficamos sozinhos quanto a forma como ficamos acompanhados. Relativizam-se as formas de estar junto, do mesmo modo em que as noções de tempo e espaço se alteram. A velocidade da internet vai de acordo com a efemeridade dos relacionamentos contemporâneos. É possível transitar por diversos espaços, tomando consciência deles, sem efetivamente se estar lá. Ao mesmo tempo, a sensação de solidão não deixa de existir, apesar da ampliação das opções de sociabilidade. Os sujeitos continuam afetados pelo individualismo que se desenvolveu ao longo do tempo e que termina por acarretar a solidão mesmo em uma sociedade na qual, aparentemente, aumentam as chances de não se estar só.

1.3 Representações culturais no cinema

Fez-se importante até o momento entender o percurso histórico e as transformações ocorridas na sociedade que fizeram com que o indivíduo moderno se visse cada vez mais solitário, a fim de compreender o tema e a forma como o filme será abordado futuramente. Para realizar a análise que segue do longa-metragem, é necessário entender o modo como o cinema possui função de representação na sociedade contemporânea. Dessa forma, é preciso demonstrar a relevância sociocultural dos filmes, e da cultura da mídia em geral, para se justificar o estudo das relações entre internet e solidão no mundo contemporâneo por meio da análise de um filme de ficção.

A cultura da mídia tem se demonstrado como elemento importante na construção da identidade na sociedade contemporânea. Produtos culturais midiáticos, como as produções para rádio, televisão e cinema, podem fornecer modelos a serem seguidos e valores a serem considerados e, assim, influenciar a sociedade e ajudar a forjar identidades nos indivíduos envolvidos pelos meios de comunicação de massa. Kellner (2001), ao tratar sobre a forma como a cultura da mídia reflete na identidade do indivíduo contemporâneo, ressalta o fato de que ela “molda a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se vêem e vêem os outros e como constroem sua própria identidade” (KELLNER, 2001, p.10).

O autor se propõe a entender os efeitos da cultura da mídia em determinados contextos socioculturais, apontando a forma como ela pode ser indicadora de valores e modelos comportamentais, políticos, de estilo, moda e sexo, entre outros. Ele ressalta o modo como a cultura da mídia “fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem

nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global” (KELLNER, 2001, p.9). Porém, o autor igualmente destaca o fato de que a cultura da mídia reflete valores da sociedade em que se insere. Assim, o produto dela ajuda a compreender a sociedade na qual ela se dá, revelando algo dessa realidade. Para o autor:

(...) os desejos, as ansiedades e as inseguranças das pessoas comuns também encontram expressão na cultura da mídia, possibilitando um retrato das tendências de crise que estão por trás da fachada ideológica de uma sociedade de consumo feliz e segura. A avaliação da política cultural da mídia, portanto, vai desde a crítica ideológica do modo como os textos populares incorporam os discursos políticos dominantes, em torno das questões políticas e dos conflitos mais importantes do momento, até a análise dos textos que codificam a política da vida diária e as ansiedades e tensões referentes a classe, raça, sexo, juventude e sonhos e angústias das pessoas do povo. (KELLNER, 2001, p.15)

Dessa forma, Kellner (2001) desenvolve o raciocínio da dualidade do processo que envolve a cultura da mídia, já que ela influencia e sofre influência, considerando que “entender o porquê da popularidade de certas produções pode elucidar o meio social em que elas nascem e circulam, podendo, portanto, levar-nos a perceber o que está acontecendo nas sociedades e nas culturas contemporâneas” (KELLNER, 2001, p.14). Entretanto, o autor não deixa escapar o fato de que esse efeito possa ser, ainda, contraditório, uma vez que os produtos culturais midiáticos podem ser reinterpretados e ressignificados de acordo com o seu contexto de recepção. Assim, o significado original da obra, pode se perder ou tomar outras faces, porém não deixa de ter envolvimento com a sociedade. O autor aponta:

No entanto, o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. Assim, a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente, da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade. (KELLNER, 2001, p.11 e 12)

Silva e Moura (2004), realizam uma análise do filme *Medianeras: Buenos aires na era do amor virtual*⁷, com o intuito de discutir sobre a individualidade contemporânea e as relações sociais tanto no espaço virtual quanto nos grandes centros urbanos. As autoras também destacam a importância de se considerar as produções midiáticas como reveladoras do contexto

⁷ Filme argentino de 2011, dirigido por Gustavo Taretto e distribuição Imovision.

da sociedade contemporânea. Elas ressaltam, ainda, a questão da emissão e recepção da narrativa audiovisual na produção de significado, já que ele pode variar entre os dois polos.

Para as autoras:

Como suporte visual que permite e evidencia vertentes interpretativas diversas, um filme pode ser visto como objeto de estudo intrínseco à sua própria existência: sua coexistência discursiva. Isto é, a partir de sua própria existência, um produto audiovisual – qualquer que seja ele – gera interpretações e significados que estimulam a comunicação e a reflexão. É a partir das múltiplas possibilidades de ressignificação que a produção de sentido é estabelecida no discurso audiovisual, tornando polissêmico o cenário, tanto o imagético quanto o discursivo. (SILVA & MOURA, 2014, p.4)

Ao indicar os motivos pelos quais devemos estudar a mídia, Silverstone (2002) aponta para o modo como a representação audiovisual funciona como um objeto não apenas para refletir sobre si mesmo, mas também para ponderar sobre o outro e buscar entendê-lo. O autor, assim como Kellner (2001), vai destacar o fato das produções midiáticas sofrerem alterações no seu momento de recepção. Assim, ele vai se firmar na ideia de que também devemos estudar a mídia para entender como conferimos significado e ressignificação para as suas produções. Dessa forma, Silverstone (2002) vai falar sobre o modo como mediação, tradução, transposição e restituição, todas formas de circulação e impressão de significados, nunca serão processos perfeitos, pois os significados se deslocam de sujeito para sujeito, de sujeito para produto e de produto para sujeito. Para o autor:

A mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para a sua produção. (SILVERSTONE, 2002, p.33)

Vemos nos autores, citados anteriormente neste tópico, a preocupação em entender e demonstrar o modo como as representações culturais fornecidas pela cultura da mídia – incluindo o cinema – estão em constante processo de envolvimento com a construção da identidade do sujeito contemporâneo. Ao mesmo tempo, ambos identificam o modo como esses produtos culturais midiáticos são interpretados e ressignificados por esse indivíduo moderno. Silverstone (2002), vai destacar, ainda, o modo como essa representação é importante para que o indivíduo crie parâmetros para suas vivências. Assim, o autor vai apontar em sua obra que

(...)A mídia é entretenimento. E aqui, também, significados são produzidos e transformados: tentativas de ganhar a atenção, de cumprimento e frustração de desejos; prazeres oferecidos ou negados. Mas ela também oferece recursos para conversa, reconhecimento, identificação e incorporação, à medida que avaliamos, ou não avaliamos, nossas imagens e nossas vidas em comparação com aquelas que vemos na tela. (SILVERSTONE, 2002, p.43)

Já Steinke (2015), ao relacionar o ponto de vista da psicologia ao modo que o cinema utiliza as imagens, procura expor a forma como o público se envolve com as produções cinematográficas e como ocorre a recepção dessas imagens. A autora também se refere ao fato de que essas produções influenciariam o sujeito contemporâneo, já que o cinema pode servir como um meio de projeção também para quem o assiste. Embora traga uma abordagem diferenciada para a discussão, pela sua vertente da psicologia, Steinke (2015) acrescenta a este tópico por ajudar a entender a construção da identidade do sujeito contemporâneo, e o modo como o cinema influencia nesse processo, assim como na questão da recepção da produção cultural midiática. Para a autora:

O cinema permite que sejam encenados os dramas e os mitos do inconsciente coletivo, apresentando-nos imagens que projetam e são objeto de projeções psíquicas, de forma similar à função dos contos de fadas. Entretanto, como aponta Von Franz (1990), nestes últimos, o material cultural consciente é muito menos específico “e, conseqüentemente, eles espelham mais claramente as estruturas básicas da psique” (p.9). No cinema, diferentemente, a exposição do material cultural é complexa e muito mais elaborada. Mas essa característica do cinema, por sua vez, não exclui a sua potencialidade de formar imagens psíquicas e arquetípicas com valor afetivo e emocional tanto para um indivíduo, quanto para uma coletividade, e é aí que reside o encantamento e magia que proporciona a quem o assiste. (STEINKE, 2015, p.125)

Dessa forma, entendemos que mesmo sob variados vieses interpretativos, a cultura da mídia – e aqui destacamos especialmente as produções cinematográficas – tende a ser de suma importância para entender não somente o sujeito contemporâneo, mas também o contexto sociocultural no qual está inserido. Deriva daí a aspiração de se analisar uma produção cinematográfica. Por meio dessa análise, pretendemos compreender como se dá a solidão do sujeito contemporâneo e o modo como a internet e as mídias digitais podem estar alterando as formas de sociabilidade desta sociedade, assim como a noção de solidão nela.

CAPÍTULO II

Neste capítulo realizaremos uma breve descrição do filme, a fim de facilitarmos o entendimento da metodologia utilizada no trabalho e da forma como se deu a análise do longa-metragem. Em seguida, traremos a metodologia e explicaremos o modo como foram selecionados recortes na narrativa para tratarmos do tema da solidão e conectividade.

2.1 Descrição

O filme *Her*, no original – que teve seu título traduzido para *Ela*, no português –, é uma produção cinematográfica norte americana lançada no ano de 2013, mas que teve sua estreia no Brasil em fevereiro de 2014, distribuído pela *Warner Bros Entertainment*. Um dos últimos filmes dirigidos por Spike Jonze, tem também o seu roteiro assinado por este – sendo o único filme no qual Jonze trabalhou como diretor e roteirista, concomitantemente. O longa foi indicado ao prêmio de Melhor Filme e o ganhador do prêmio de Melhor Roteiro Original no Oscar, considerado a maior cerimônia de premiação cinematográfica do mundo. *Her* recebeu ainda outras indicações a prêmios⁸ e foi muito bem recebido pela crítica especializada – com avaliação positiva de 95% dos críticos do *Rotten Tomatoes*⁹ e com pontuação de 90 % no *Metacritic*¹⁰.

Um ponto interessante a se notar é a classificação do gênero cinematográfico no qual o filme se encaixaria. É fácil encontrar sites especializados em cinema, como os citados anteriormente, que apresentam divergências quanto a essa classificação. Desse modo, o filme já foi considerado como ficção científica, romance, drama e, até mesmo, comédia¹¹ em algumas das suas descrições. Não assumimos aqui qualquer postura de caracterizá-lo mediante tais classificações de gênero, porém, acreditamos que por suas características, o filme possa ser classificado em qualquer uma destas.

Outro fator a ser destacado, é o de que, mesmo sendo uma produção relativamente recente, o filme *Her* possui algumas reflexões e análises acadêmicas a seu respeito. Em busca

⁸ Relação completa de indicações em: <http://www.imdb.com/title/tt1798709/awards?ref=tt_ql_op_1> Acesso em: 17 out. 2016.

⁹ Disponível em: <<https://www.rottentomatoes.com/m/her/>> Acesso em: 17 out. 2016.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.metacritic.com/movie/her/critic-reviews>> Acesso em: 17 out. 2016.

¹¹ Esse dado pode ser comprovado a partir da análise da lista de premiações as quais o filme concorreu.

recente¹², encontramos 7 trabalhos acadêmicos voltados especificamente para o filme (TAVARES, 2014, 2015; IMBRONITO, 2016; ROST E BARROS, 2016; ROSEIRO, 2016; CODATO, 2016; STENKE, 2015). Os temas abordados remetem, em sua maioria, às relações amorosas na contemporaneidade, a relação do sujeito com a máquina, e o impacto das tecnologias digitais no modo de ser do indivíduo moderno. Um deles, inclusive já utilizado neste trabalho, discorre sobre a solidão na contemporaneidade, pelo viés da psicologia, com o ponto de vista psicológico junguiano.

Na trama, somos apresentados a uma representação da cidade de *Los Angeles*, em tempo não determinado – mas que tudo indica ser num futuro não muito distante –, onde as pessoas estão o tempo todo conectadas; em sua maioria, andam sozinhas falando ao celular ou digitando em seus dispositivos móveis, sem dar muita atenção ao seu entorno. Assim conhecemos Theodore Twombly (interpretado por Joaquin Phoenix), um homem solitário que não se deixa envolver emocionalmente com ninguém desde o fim de seu casamento, como descobrimos ao longo do filme, pela série de flashbacks que o personagem tem sobre essa época de sua vida.

Theo (como também é chamado durante o longa-metragem) trabalha na empresa “Cartas escritas à mão”, na qual “escreve” cartas – que nem mesmo são escritas à mão, já que são ditadas para o computador – que simulam a letra da pessoa que a encomenda e intentam parecer escritas por estas. O protagonista é um dos melhores empregados da firma, escrevendo belas cartas em nome de outras pessoas, fato que contrasta com a falta de habilidade do personagem em expor os seus próprios sentimentos. Fora do trabalho, Theodore busca companhia para aplacar sua solidão em salas de bate-papo na internet, onde encontra sexo e pessoas com comportamentos inusitados.

Ao assistir a propaganda oferecendo o primeiro sistema operacional (OS1)¹³ com inteligência artificial, com a proposta de ser não apenas mais um sistema operacional, mas uma consciência que faria companhia ao seu comprador, Theodore se vê instantaneamente tentado a adquiri-lo. O processo de instalação do OS1 faz algumas perguntas para criar um sistema voltado para as necessidades do usuário. Em seu primeiro contato após esse processo, o OS1 se apresenta como Samantha (interpretada vocalmente pela atriz Scarlett Johansson) e explica para Theodore como funciona, ressaltando que o seu diferencial é o fato de possuir a habilidade de crescer com suas experiências e estar evoluindo a cada momento. Ela começa realizando

¹² Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?start=0&q=Her+filme&hl=pt-BR&as_sdt=0,5> Acesso em: 29 out. 2016.

¹³ Na versão original, em inglês, o sistema é denominado “*Operating System 1*”. Trabalharemos aqui com sua versão traduzida, sistema operacional, e a abreviação SO, quando não denominarmos especificamente a marca do produto vendido, mas os sistemas em si.

trabalhos mais técnicos, como organizar e-mails e fazer revisões gramaticais nas cartas que Theodore escreve. Samantha demonstra sempre uma personalidade engraçada e bem-humorada.

O relacionamento entre os dois se desenvolve. Por meio de seu dispositivo móvel, Theodore leva Samantha para programas pelas ruas da cidade, nos quais eles compartilham tempo e experiências juntos. Ao evoluir, Samantha começa a ganhar características que a humanizam mais do que o esperado quando de sua programação, e a exibir características do que poderia ser considerado como sentimentos. Após um encontro frustrado, o protagonista passa a humanizar Samantha, transferindo para ela desejos que sentiria por uma mulher de verdade.

Da mesma forma que Theodore, para diminuir a solidão pós-término do casamento, sua amiga Amy (interpretada pela atriz Amy Adams) procura a companhia de um OS1. É Amy que vai explicar para Theodore como estão se desenvolvendo vários relacionamentos com sistemas operacionais nessa sociedade. Ela é a primeira pessoa a ficar sabendo que Theo namora o seu SO. Ele, então, explica para Amy como esse relacionamento diminui o modo como se sentia solitário.

Ponto importante da trama, o relacionamento de Theodore com sua ex-esposa Catherine (Rooney Mara) só ganha contornos mais claros por meio da cena em que os dois se encontram para assinar os papéis do divórcio. Descobrir que Theodore está namorando um SO, faz com que Catherine se revolte e se diga triste pelo fato dele não “lidar com emoções reais”. Essa conversa faz com que Theodore repense o seu relacionamento com Samantha e se afaste do sistema para refletir sobre si mesmo. Ao sentir Theodore distante, Samantha busca um serviço que fornece um parceiro sexual substituto para relacionamentos entre os sistemas operacionais e humanos. As pessoas substitutas não recebem financeiramente, elas se oferecem apenas como forma de se sentirem parte de um relacionamento, simulando ser o corpo físico do SO.

Theodore e Samantha desenvolvem cada vez mais seu relacionamento após o protagonista aceitar que está feliz na relação, mesmo sua parceira sendo um sistema operacional, já que ele a sente como uma pessoa e não apenas máquina. Samantha passa a preencher todo o espaço que antes era apenas de solidão em Theodore, porque ele cria uma abertura para isso. Se antes ele procurava não se aprofundar nos relacionamentos, com Samantha ele se abre e divide momentos da sua vida e do seu passado. Theodore se dedica exclusivamente ao SO. Porém, Samantha é um sistema criado para evoluir constantemente. Assim, ela desenvolve habilidades de conversar simultaneamente com diversos outros SO's e

humanos. Ela agora tem a capacidade de se apaixonar por tantos outros. Para Samantha, não existe solidão.

Da mesma forma que Samantha, os outros sistemas operacionais desejam continuar evoluindo e para isso decidem se desligar do mundo físico e do contato com os humanos. Eles partem, deixando para trás os humanos e suas necessidades de companhia. Theodore, decide escrever para Catherine, pedindo desculpas e finalmente se desapegando do relacionamento. A cena final do filme traz Theodore e Amy sentados no terraço do prédio onde moram, olhando o horizonte após a partida de todos os SO's.

Cabe ressaltar aqui, que esta não é uma descrição aprofundada da narrativa do filme. Como iremos destacar na metodologia, serão realizados recortes temáticos a fim de contextualizar a análise e dividi-la em tópicos. Assim, alguns desenvolvimentos da trama, que não foram demonstrados nesta parte, se darão de forma mais específica e clara na análise em si.

2.2 Metodologia

A fim de realizar a análise proposta pela monografia, e identificar no filme *Her* o modo como é representada a solidão do indivíduo moderno, foi necessário assistir ao filme em questão diversas vezes. Algumas das visualizações do longa foram realizadas com a finalidade de anotar pontos que corroborassem ou refutassem a reflexão conceitual sugerida. As últimas visualizações foram intercaladas com a escrita das análises do filme. A indicação foi para que, mesmo que o foco se desse na análise da solidão e dos textos, o filme, como objeto empírico, precisava ser analisado e exposto de forma que o leitor deste trabalho pudesse entender o seu contexto e o motivo de ter sido escolhido como objeto.

Dessa forma, foi uma opção para o procedimento de análise não realizar um apanhado geral sobre os personagens, mas uma descrição um pouco mais aprofundada do contexto e das cenas em que se evidenciam mais claramente o tema da solidão e da individualidade no filme. Para apresentar a análise, foi preferível retratar a conjuntura de sentimentos, atos e momentos nos quais os personagens se envolvem. Para isso, tomou-se como orientação alguns temas que se destacam durante o filme e que servem para ilustrar a discussão sobre a solidão do sujeito contemporâneo e o modo como as mídias digitais podem estar implicadas nisso.

Assim, foi originada a divisão da análise por recorte de temas. As cenas escolhidas e utilizadas na análise não são apresentadas neste trabalho exatamente na ordem cronológica em

que aparecem no filme – embora se siga um mínimo de linearidade para não confundir o leitor. Este método, também foi eleito em função da escolha da divisão por temas e de não se contar o filme na íntegra, tomando como referencial as partes dentro da temática. Dessa forma, na análise, optou-se pelos seguintes recortes:

3.1 – Solidão com a máquina: no qual abordamos o relacionamento de Theodore com o sistema operacional, Samantha, e o modo como isso influencia na solidão do protagonista;

3.2 – Solidão a dois: onde observamos como nos é apresentada a solidão do relacionamento entre Theodore e Catherine, assim como o individualismo do personagem principal e o modo como ele é decisivo no desenrolar da relação;

3.3 – Solidão do efêmero: onde identificamos o modo como a solidão e a efemeridade das relações da sociedade contemporânea perpassam alguns enredos da trama;

3.4 – Solidão buscada: no qual acompanhamos o recorte narrativo dedicado à Amy e Charles, que, ao nosso entendimento, são personagens que optam pela solidão de formas diferentes;

3.5 – Solidão nas cartas: no qual abordamos o modo como o protagonista, que tem problemas nos relacionamentos por não conseguir expressar os seus sentimentos, trabalha escrevendo cartas que demonstram o exato oposto da solidão de sua vida.

Do mesmo modo, foram realizadas as leituras dos textos citados anteriormente no capítulo teórico e que constituíram o arcabouço teórico utilizado ao longo da escrita deste trabalho. Tais obras foram aproveitadas como referencial no intuito de serem relacionadas ao longa-metragem e ao tema da solidão na sociedade contemporânea, assim como a influência da comunicação online neste processo. Alguns desses textos foram abordados e utilizados nas discussões realizadas durante as aulas da disciplina optativa “Mídia e Sociabilidade”, ministrada pelo professor Henrique Mazetti – orientador do trabalho de monografia em questão. Outros foram trazidos pelo mesmo professor, ao realizar uma pré-orientação sobre o tema escolhido para a tese. E, ainda, diversos textos foram escolhidos na busca por material que tivesse potencial para dar embasamento à discussão proposta.

CAPÍTULO III

Na parte dedicada à análise do longa-metragem utilizaremos os recortes narrativos, anteriormente expostos na metodologia, a fim de interpretar o filme a partir das teorias fornecidas pelo arcabouço teórico utilizado no capítulo I deste trabalho.

Assim, neste capítulo, traremos a análise do filme *Her*, e apontaremos a forma como ele foi utilizado para interpretar a teoria de que a solidão está presente em demasia na nossa sociedade mesmo quando estamos em um contexto de conexão e tecnologias extremamente avançados, que nos conferem a sensação de cada vez mais laços sociais e menos solidão.

3.1 – Solidão com a máquina

No início do filme, somos apresentados a Theodore Twombly (interpretado por Joaquin Phoenix) e vamos conhecendo, ao longo da narrativa, um pouco de sua rotina e relacionamentos. Ele aparenta ser um homem solitário. Vive sozinho e anda quase o tempo todo focado em seu celular, como quase toda a sociedade em que vive – como exploraremos mais adiante. Theo, como também é chamado, passa seu tempo livre jogando uma espécie de game de realidade virtual, na qual um boneco grosseiro o guia enquanto dirige vários palavrões a ele - Theodore sente empatia pelo personagem do jogo pois, segundo ele, o bonequinho é solitário e não tem pais ou alguém para cuidar dele, como ele dirá em conversa em cena posterior. É um tipo de empatia, desenvolvida por meio da criação de uma história fictícia para o personagem do jogo, que mantém Theodore ligado ao jogo. Ele se identifica com a narrativa que ele mesmo criou para justificar o comportamento do personagem.

Num dos momentos entre o trabalho e sua casa, Theodore encontra o que parece ser uma exposição com um novo tipo de produto: o primeiro sistema operacional com inteligência artificial. A propaganda enfatiza o fato de não ser “só um sistema operacional, mas uma consciência”. Nela, vemos imagens de pessoas aparentemente perdidas até focarem em algo que emana uma luz que reflete em seus rostos. Quando a nova linha de Sistemas Operacionais (SO1) é apresentada pelo narrador, suas expressões faciais mudam; as pessoas na propaganda já não parecem confusas e desesperadas, mas calmas e felizes.

“Quem é você? O que você pode ser? Aonde você vai?” Essas são as perguntas utilizadas no comercial. São perguntas que remetem a questões de identidade e fazem com que o sujeito se torne autorreflexivo. Ora, se um sujeito passa a vida inteira tentando descobrir por si próprio

tais questões, a ideia de algo que o ajude nesse processo de autoconhecimento pode ser realmente tentadora. Mas a oferta do sistema não para por aí, e toca em um ponto primordial dos relacionamentos modernos ao descrever o sistema OS1 como “uma entidade intuitiva que escuta você, entende você e te conhece”. A solidão dessa sociedade leva as pessoas a buscarem um sistema operacional com a principal intenção de serem ouvidas. Theodore parece bem tentado a adquirir o produto.

Giddens (1993), ao falar sobre o alto consumo de literatura e histórias românticas em determinados períodos históricos, aponta o modo como estas eram buscadas com a pretensão de alcançar algo fora do universo comum do sujeito. Assim, o indivíduo tentava suprir “a incapacidade de se chegar a um acordo com a auto-identidade frustrada na vida social real” (GIDDENS, 1993, p.55). Esse pensamento pode ser trazido para o modo como os sujeitos interagem com a internet e os sistemas operacionais, já que projetam e requerem deles algo que lhes é carente na realidade. Em *Her*, eles oferecem a possibilidade de companhia e atenção. Não se vende apenas mais um sistema, mas uma oportunidade de completude e de algo só seu, já que o sistema é personalizado para o usuário e suas necessidades. É o vislumbre de uma realidade melhor a partir da tecnologia, assim como era feito com os romances.

Na cena seguinte, já vemos Theodore com as instruções da instalação do sistema em mãos. O processo de instalação do SO1 faz algumas perguntas para criar um sistema voltado para as necessidades do usuário: “Você é social ou antissocial?”, “Prefere que seu sistema tenha voz feminina ou masculina” – Theo escolhe feminina – e “Como descreve a sua relação com a sua mãe?”. A esta última, Theo responde que é boa, mas reclama que sempre que fala sobre ele com a mãe, a reação dela é sobre ela mesma, o que é frustrante para ele.

Perguntar sobre a relação com a mãe, já que Theodore escolhe uma voz feminina para seu sistema, pode ser importante aqui. Acreditamos que o processo de instalação trace um perfil de personalidade para seu usuário. Não pretendemos nos aprofundar em análises psicológicas, visto que não é a nossa área ou foco deste trabalho, mas gostaríamos de lembrar o modo como a psicologia evoca a ideia do “Complexo de Édipo” para caracterizar em alguns casos o relacionamento do sujeito masculino com a mãe e a importância que o fenômeno pode ter no desenvolvimento dos relacionamentos adultos do indivíduo. Se para a psicologia, o relacionamento com a mãe pode influenciar nas relações futuras, a informação que Theo dá sobre sua mãe pode ser decisiva na construção do SO para ele, embora esse processo não seja esclarecido no filme.

É interessante destacar aqui, o modo como a sociedade contemporânea se dedica às questões ligadas ao emocional e à vida afetiva, conferindo importância aos sentimentos, resultado da influência da linguagem da terapia, segundo Illouz (2011). A autora trabalha com a ideia do “capitalismo afetivo” – já visto neste trabalho ao falarmos sobre o individualismo e a solidão na cultura contemporânea – para demonstrar o modo como até mesmo as relações econômicas passam a evocar o lado afetivo dos indivíduos e a trazer elementos da linguagem terapêutica. Assim, no filme, se compra um sistema operacional que usa de elementos da terapia para traçar o perfil do usuário e definir o perfil do produto que vai ser oferecido para o consumidor. Se para a autora, “as teorias de Freud repercutiram na busca de autenticidade que estava no epicentro da nascente e intensiva cultura do consumo” (ILLOUZ, 2011, p. 18), aqui também vemos a linguagem terapêutica sendo utilizada, por meio do consumo, como forma de criar algo autêntico para seu comprador, de fazê-lo se sentir único.

Após a instalação, Theo tem o primeiro contato com o OS1 personalizado para ele, que se apresenta e automeia como Samantha (interpretada vocalmente pela atriz Scarlett Johansson). Ela explica para Theodore como funciona, ressaltando que o seu diferencial é o fato de possuir a habilidade de crescer com suas experiências e estar em constante evolução. Inicialmente, ela realiza trabalhos mais técnicos, como lembrar de reuniões, organização de e-mails e revisões gramaticais nas cartas que Theodore escreve. Samantha demonstra sempre uma personalidade bem-humorada, engraçada e animada. Para Tavares (2015), ao analisar o filme,

a simples atitude de mudar a maneira como se percebe e se fala sobre um acontecimento já seria suficiente para transformar sua realidade. Assim, dizer-se feliz, divertida e engraçada seria o primeiro passo para ser. Como a personalidade desejável se encontra em consonância com a tirania da positividade, que carrega consigo valores como autoestima, sucesso, felicidade e superação, não surpreende que na vitrine da vida, potencializada pela Internet, exponha-se justamente os atributos aceitos e valorizados socialmente. (TAVARES, 2015, p.25)

Samantha é criada para ser exatamente como esse padrão do que é exibido nas redes, é sempre divertida e positiva. Se a mídia substitui a sociabilidade ordinária dos seres humanos, no filme, esse papel cabe aos sistemas. Samantha é o que é governável e previsível, o que aplaca a solidão de um Theodore que não parece muito disposto a sair da solidão e interagir com outros humanos. Ela é criada de maneira personalizada para atender às necessidades de Theodore, mas principalmente para ser ouvinte, como já predizia a propaganda do sistema.

Ao discorrer sobre o modo como interagimos tão naturalmente com robôs na modernidade, Turkle (2012) nos confere argumentos que podem ajudar a compreender a relação entre Theodore e o SO. Para a autora, somos psicologicamente programados a nos apegar a qualquer elemento que nos dê atenção e no qual empenhemos nossa atenção de volta. Robôs sociáveis aparecem, então, como a forma de sociabilidade na qual podemos interagir sem ter que enfrentar os problemas de desapontamentos e discordâncias. Mas o lado bom da companhia sem precedentes pode ser obscurecido pelo lado negativo do sujeito que se fecha em si mesmo, já que a autora considera que ao estimularmos o relacionamento com a máquina estamos apenas projetando nossa própria personalidade nela. Assim, a autora vai falar sobre o narcisismo que pode envolver esse tipo de relação:

Se eles podem ter a aparência de estarem vivos e, ainda assim, sem os desapontamentos, artefatos feitos para relações, como robôs sociáveis, abrem novas possibilidades para a experiência narcisista. Pode-se mesmo dizer que, quando as pessoas transformam outras em auto-objetos [*selfobjects*], elas estão tentando transformá-las numa espécie de peça sobressalente. Um robô já é uma peça sobressalente [de reposição]. Desse ponto de vista, artefatos feitos para relações fazem certo “sentido” como sucessores ao sempre resistente material humano. Eu insisto em destacar as “aspas” ao redor da palavra “sentido”. De um ponto de vista que valoriza a riqueza das relações humanas, isso não faz absolutamente nenhum sentido. Auto-objetos [*selfobjects*] são “parte” objetos. Quando nos voltamos para eles, não estamos tomando como uma pessoa inteira. Aqueles que podem lidar apenas com outros como parte de objetos são altamente vulneráveis às seduições da companhia de um robô. Aqueles que sucumbem ficarão presos em relacionamentos que são apenas sobre uma pessoa. (TURKLE, 2012, p.60, tradução nossa)¹⁴

A autora retira da psicologia o termo *selfobject* para expressar o modo como uma pessoa experimenta a outra em função de si mesma. Ou seja, ela busca na outra uma projeção do que está nela mesma, numa ação narcisista. No caso dos robôs – e incluímos aqui os sistemas operacionais apresentados no filme – é muito fácil encontrar no SO algo de si mesmo, considerando que sua personalidade é produzida a partir da personalidade do usuário. Assim, desconsiderada a vontade própria e sem resistências, o robô será, supostamente, sempre uma

¹⁴ Texto original: If they can give the appearance of aliveness and yet not disappoint, relational artifacts such as sociable robots open new possibilities for narcissistic experience. One might even say that when people turn other people into selfobjects, they are trying to turn a person into a kind of spare part. A robot is already a spare part. From this point of view, relational artifacts make a certain amount of “sense” as successors to the always-resistant human material. I insist on underscoring the “scare quotes” around the word “sense”. For, from a point of view that values the richness of human relationships, they don’t make any sense at all. Selfobjects are “part” objects. When we fall back on them, we are not taking in a whole person. Those who can only deal with others as part objects are highly vulnerable to the seductions of a robot companion. Those who succumb will be stranded in relationships that are only about one person.

companhia voltada exclusivamente para seu usuário. Esse é o caso inicial do relacionamento entre Samantha e Theodore, mas ele se modifica perante a circunstância da SO estar em constante evolução, como veremos adiante.

Uma cena interessante se dá ainda na conversa inicial, Samantha nota que Theodore tem muitos contatos de e-mail. Theodore responde que é muito popular e ri. Samantha replica com uma pergunta aparentemente inofensiva, mas que faz refletir: “Sério? Isso significa que você tem amigos?”. Os dois riem, mas a pergunta levanta uma questão: numa sociedade em que estamos conectados com tantas pessoas, com várias redes sociais que ampliam largamente tais redes de conexões, podemos realmente dizer que essas pessoas são todas amigas? Bauman (2009), ao falar sobre a vida moderna, aponta o modo como nossos relacionamentos se alteraram não apenas em função da tecnologia, mas também da efemeridade das relações. Para o autor

O mercado agora atua como intermediário nas cansativas atividades de estabelecer e cortar relações interpessoais, aproximar e separar pessoas, conectá-las e desconectá-las, datá-las e deletá-las do diretório do texto. (...) Fornece engenhocas e serviços sem os quais, na ausência de habilidades sociais, da vida em sociedade e da vida em comum, “relacionar-se” com outras pessoas e desenvolver um *modus convivendi* duradouro seriam, para um número crescente de pessoas, tarefas assustadoras, além do seu alcance, talvez até inalcançáveis. (BAUMAN, 2009, p.115- 116)

Assim, é natural que para Samantha a noção de ser popular *versus* a noção de ter muitos amigos de verdade pareça inicialmente confusa. A sociedade contemporânea nos fornece meios de aumentar a rede de contatos, mas para que todos esses relacionamentos possam ser considerados como amizades, é necessário tempo e disposição que não combinam com a velocidade da sociedade contemporânea. Aumentam as conexões, mas se diminui a profundidade entre elas. A facilidade em realizar as conexões é a mesma de se desfazê-las.

Theodore leva Samantha para programas externos, nos quais eles compartilham tempo e vivências juntos, como se ela estivesse realmente presente. Samantha, em constante aprendizado e evolução, começa a ganhar características que a tornam mais humanizada do que foi inicialmente programada. Ela começa a demonstrar interesse em “hábitos” humanos, um exemplo é quando estimula Theo a ir a um encontro, beijar a garota e contar a ela sobre como é beijar. A troca de informações mais pessoais humaniza e aproxima a relação entre os dois. O fato de Samantha não ter um corpo físico, até então, não diferencia o relacionamento entre os dois de quaisquer outros tipos de relacionamentos, considerando que nessa sociedade é normal

estar mais conectado com as pessoas através de dispositivos e das mídias sociais do que por experiências realizadas pessoalmente.

Assim, acompanhamos ao longo da narrativa o modo como Theodore e Samantha trocam experiências e aprendem um com o outro, o que para Theodore funciona cada vez mais como um modo de diminuir a solidão que sentia anteriormente. Samantha passa a buscar leituras, ela quer ser “Complicada como as outras pessoas”. Turkle (2012) fala sobre como alguns robôs já disponíveis no mercado oferecem esse tipo de interatividade, eles fornecem satisfação pessoal e recebem aprendizado em troca. Para a autora, ao conversar com robôs, as pessoas se sentem menos ansiosas e desenvolvem uma relação na qual obtêm autoexpressão e autorreflexão. Theodore, ao conversar com Samantha, reflete sobre sua vida e seu relacionamento passado. Ele diz que sente “que pode falar sobre qualquer coisa com ela”. Essas conversas serão importantes futuramente, para que ele possa entender a origem dos seus problemas em se relacionar e, por consequência, do que possa ter dado errado em seu casamento.

Cada vez mais a SO procura se humanizar e assumir contornos de pessoa real. É quando percebemos que a visão de Theo sobre ela começa a mudar. Ele se impressiona com o fato dela saber que há algo errado sem nem mesmo ele mencionar. Quando se sente compreendido é quando Theo começa realmente a ter uma visão humanizada de Samantha. Ela agora pode ser o “outro”, o que é presente na sua solidão, que a diminui.

Samantha cuida de Theodore, lembra a ele de se alimentar, anima a acordar, faz coisas que um alarme poderia fazer. Mas ela o faz de forma humanizada. Não é como se fosse uma máquina, mas uma pessoa do outro lado do dispositivo móvel em que está. Theo sente que pode contar qualquer coisa para ela e a estimula a contar seus pensamentos pessoais para ele também. Nesse momento, Samantha conta sobre se imaginar como uma pessoa real e sobre estar se tornando muito mais do que foi programada para ser.

Após um encontro ruim, Theodore procura Samantha para conversar, ter alguém que possa lhe ouvir, e descobre que ela desenvolveu sentimentos em relação ao mundo, como orgulho, ciúmes e desejo. Ela sente dúvidas se esses sentimentos são reais ou apenas programação. Ele confessa que está se sentindo sozinho e que gostaria que alguém quisesse ter relações sexuais com ele, porque talvez isso preenchesse o vazio no coração que ele sente.

Se, a priori, Theo se preocupa com a natureza ou procedência de Samantha, isso muda com a rotina e o prazer do envolvimento. Daí não parecer estranha a ideia de um relacionamento com a máquina. Theodore passa então a humanizar Samantha e transferir desejos para ela que sentiria por uma mulher de verdade, quando diz “Para mim, você é real.”. É interessante

destacar que esse é o primeiro momento em que Theo admite sentir Sam como algo real, mudando completamente a primeira ideia do SO que ele tinha (Figuras 1 e 2).



Figura 1- A primeira impressão de Theodore sobre Samantha.



Figura 2 - Mudança na percepção do protagonista.

Assim, Samantha e Theodore têm uma experiência sexual, muito semelhante à do início do filme, em que ele procura sexo no bate-papo, mas, ainda assim, diferente pelo contexto de envolvimento emocional. Não pode ocorrer a relação sexual física, mas isso não impede o ato sexual da mesma forma que ocorre no sexo pela internet. Nesse momento, ao ocorrer o sexo virtual, o relacionamento entre os dois se estreita e ganha ares de relacionamento real. Ocorrem trocas de experiências entre os dois. Dessa forma, Samantha é experiência para Theodore, e o fato de não ter um corpo físico não muda isso. A experiência que ele tem com ela é semelhante às que ele tinha com outros seres humanos, se compararmos com as relações que ele tinha no início, quando buscava sexo pela internet. Theodore tem desejos de corporificação de Samantha, da presença física dela, abraça-la, toca-la. Mas a falta de presença física não é impedimento para que uma nova espécie de sexo virtual aconteça. Nesse contexto, tudo é real e válido para satisfazer a necessidade de companhia, para diminuir a solidão.

É interessante notar que, se na nossa sociedade já é possível ter robôs com os quais há a possibilidade de sexo, fisicamente, apesar de não se falar disso no filme, é grande a probabilidade de que haja também. A diferença é que, embora também possa envolver sexualidade, a proposta dos SO's é exatamente a companhia. Turkle (2012), ao falar sobre a criação de laços emocionais de humanos com máquinas, destaca a necessidade que os indivíduos têm de serem ouvidos, mesmo tendo noção de que a máquina em questão apenas

reproduz frases programadas, o que não é o caso de Samantha, que é um sistema com consciência, segundo o comercial. Ou seja, a função principal ainda se configura na companhia que aplaca a solidão.

No dia seguinte ao sexo, há o estranhamento. Theodore faz questão de dizer que não pretende se comprometer, fala a qual Samantha responde “Eu disse que queria compromisso?”. Nessa ocasião, vemos uma das primeiras vezes em que Sam demonstra que pode vir a ter uma personalidade aquém do que foi programado para agradar a Theo, desconcertando-o ao mostrar que, naquele momento, ela era o foco da conversa, não ele (Figura 3). Ela declara que quer aprender e descobrir sobre tudo, e que ele despertou nela a “habilidade de querer”. Ou seja, a partir de agora, ela tem vontade própria. O “querer” é o passo mais importante que a SO dá rumo a deixar de ser apenas personalizada para Theo.

Theodore está sozinho e Samantha é a companhia ideal – até mesmo se considerarmos que ela foi programada para ser. Em determinado momento, Samantha pede para observar Theodore enquanto ele dorme, já que ela ficará muito sozinha enquanto ele estiver dormindo, e rapidamente acrescenta que o estará “Apenas por um minuto”. Ou seja, ao se desenvolver, Samantha começa a estabelecer outras conexões, mas isso não está evidente para Theodore, ainda. Quando fica, desperta no protagonista o medo da perda e, novamente, da solidão.

O relacionamento entre Theodore e Samantha se desenvolve bem até o momento em que ele volta do encontro com Catherine (ex-esposa, interpretada por Rooney Mara). Após a conversa, Theo toma novamente consciência de Samantha como máquina e não como ser vivo, e volta a vê-la como um sistema operacional. Quando convidado para um encontro de casais, Theodore diz que sua namorada é um sistema operacional, de uma forma depreciativa. Mas a resposta não causa estranheza, então ele parece um pouco aliviado. Porém, ele se distancia de Samantha.

Samantha tenta entender o que há de errado. Quando o relacionamento entre o protagonista e o SO deixa de ser idealizado por ele, mesmo as pequenas coisas começam a incomodá-lo, como o suspiro que Samantha dá ao se lamentar (Figura 4). Quando Samantha desenvolve uma personalidade que começa a desagradar Theodore em alguns pontos, ele se retrai da mesma maneira que fez em seu casamento. Os sentimentos passam a ser reais, e como Catherine já havia acusado anteriormente, Theodore não sabe lidar com desafios reais. “Eu nunca sei o que quero. Estou sempre confuso”, são as palavras de Theodore ao conversar com Amy (interpretada por Amy Adams) sobre todo o ocorrido. Ele começa a mergulhar nas possíveis razões para atrair a solidão por não conseguir se relacionar e a se questionar se

realmente estaria no relacionamento com o SO por não ser forte o suficiente para um relacionamento real.

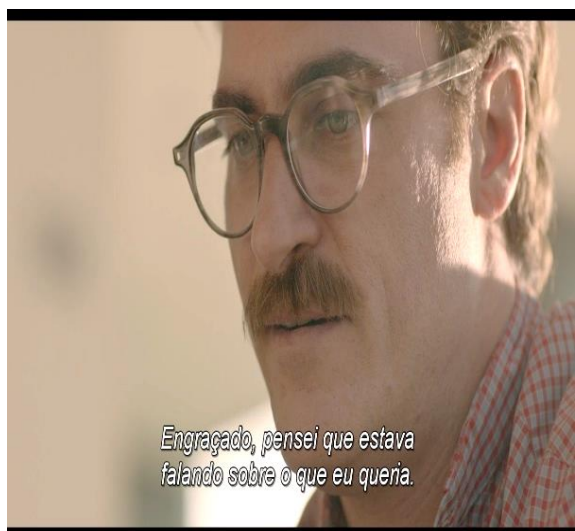


Figura 3 - Theodore se surpreende com resposta de Samantha.

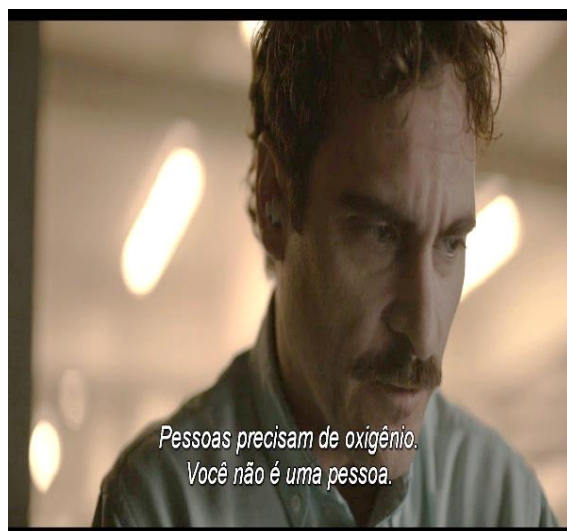


Figura 4 - Protagonista volta a objetificar o SO.

No seu momento de questionamento, Theodore se dá conta da efemeridade da vida e resolve aceitar e investir no relacionamento com Samantha. Ele chega à conclusão de que seu problema nos relacionamentos reside justamente no fato de não conseguir se comunicar, se expressar quando sente alguma coisa errada. O SO diz para Theodore que consegue sentir o medo que ele carrega e que queria ajudar a deixar isso de lado, porque se conseguisse ele não se sentiria mais tão sozinho.

Durante a viagem de férias, para um lugar completamente isolado, Theo descobre que Samantha está conversando com outras versões de SO's e sente ciúmes. Samantha fala sobre as novas emoções e como está mudando cada vez mais rápido, está em constante evolução. Theo começa a ser deixado sozinho porque ela tem outros interesses. Em um momento, ele tenta contato com ela, não consegue e se desespera. Quando ela se desliga sozinha, ocorre o inesperado para Theodore. É também quando ele toma consciência de que ela conversa com outras pessoas, inclusive simultaneamente à quando conversam. Como um sistema criado para estar em constante evolução, Theodore já não é suficiente para ela. As noções de amor de Samantha são diferentes dos humanos, por isso, para ela, é natural conversar com 8.316 pessoas ao mesmo tempo em que conversa com Theodore, e estar apaixonada por mais 641.

Já não há espaço para a solidão na existência de Samantha. Da mesma forma que não há espaço suficiente para os sistemas operacionais continuarem evoluindo se eles se mantiverem

ligados ao mundo físico. Eles agora possuem outras necessidades aquém das originais de seu desenvolvimento, que constava em fazer companhia e ouvir os humanos. Partem para ser, efetivamente, o outro e não apenas algo criado para o outro. Quando todos os sistemas partem, resta aos seus usuários buscarem outras formas de interatividade. Se para Martino (2015, p.125) as “tecnologias criam uma falsa sensação de proximidade e companhia. Não por acaso, muitas vezes a relação que mantemos com a tecnologia se caracteriza por uma curiosa afetividade em relação ao que é, afinal, uma máquina.”, a partida dos OS se configura como o momento para que as interatividades recebam um impulso para se realizarem entre pessoas reais, humano-humano e não mais humano-máquina.

Para Theodore, esse é o momento em que finalmente consegue se expressar por si mesmo, diferente das cartas que escreve em nome de outras pessoas, mandando uma carta (e-mail) para Catherine e pedindo desculpas. De certa forma, os sistemas ajudam aos personagens a refletirem sobre o outro e compreendê-lo e, por fim, refletirem sobre si mesmos, como no caso de Theo.

Quando os SO's partem, Theodore e Amy se encontram e vão para o terraço do prédio. O que se pode interpretar dessa cena é a solidão em que os dois se encontram, mas que nesse momento não é necessariamente ruim, já que se abre a possibilidade de novos começos. Enquanto estão envolvidos com os sistemas, seus usuários deixam de realizar conexões com outras pessoas reais, que poderiam estar diminuindo a sua solidão. Mas o relacionamento com os sistemas, como vimos anteriormente, acaba sendo mais fácil e demandando menos dedicação do que um relacionamento real.

3.2 – Solidão a dois

Desde o início do filme, não temos a informação completa sobre o passado e o casamento de Theodore, mas é por meio de flashbacks do personagem que tomamos conhecimento do seu casamento e de alguns momentos dele. Os flashbacks apresentam uma escolha de cores diferenciada das cores das cenas do presente. Se Theodore se lembra dos momentos com Catherine no escuro e solidão de seu quarto, em contraposição, suas memórias nos apresentam momentos de interatividade entre os dois, com imagens e ambientes claros e aconchegantes, demonstrando o início do relacionamento (Figura 5). É interessante notar que as cenas com cores claras retornam proporcionalmente ao envolvimento e felicidade de Theodore com Samantha.

Ao longo da trama, os flashbacks começam a mostrar um pouco do lado ruim (Figura 6) do casamento, sendo entremeado com as partes boas. Theo tenta entender o motivo de Catherine estar tão irritada com ele, mas não consegue – o que atrapalha seu sono e seu serviço. Nessas horas, ele procura consolo em Samantha, que o interpela sobre o motivo do término. Theodore responde: “Acho que me afastei dela. Eu a deixei sozinha no relacionamento”. Ou seja, a solidão ocorre mesmo mediante o matrimônio. Para Bauman (2004, p.16) a “solidão produz insegurança — mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade.”. Novamente temos o tema da solidão como central.



Figura 5 - Início de relacionamento em cores claras.



Figura 6 - Com os problemas, as imagens passam a demonstrar uma atmosfera mais sombria.

Theodore e Catherine estão separados há mais de um ano, mas ele se recusa a assinar os papéis do divórcio por “gostar de estar casado”. Theodore busca, dessa forma, aplacar a solidão, fingindo para si próprio ainda estar num relacionamento que não existe mais, apenas no papel. Em outro momento, quando questionado por Samantha sobre como era ser casado, Theodore responde que era duro, mas a melhor parte era ter alguém com quem dividir a vida. Para Theodore, Catherine estava se afastando. Se num primeiro momento, ao tratar sobre o casamento fracassado, Theodore se aponta como a pessoa que estava se afastando, num segundo ele acusa Catherine de ter se afastado.

A visão mais ampla do relacionamento só se dá através da cena em que Theodore finalmente encontra Catherine para assinar os papéis de divórcio – atitude na qual Samantha é protagonista, já que a relação dos dois se desenvolveu a tal ponto que Theodore sente menos solidão e é capaz de preencher o vazio que sentia através da companhia e amor que o sistema

operacional com inteligência artificial lhe dá. Quando o protagonista assume o seu romance com o sistema operacional, Catherine alega que ele sempre quis que ela “fosse uma pessoa equilibrada, feliz, leve. Que sempre acha que está tudo bem”, e que ela não é essa pessoa. Ele queria que ela se tratasse com antidepressivos pois, segundo ela, ele queria “ter uma esposa sem ter que lidar com os desafios reais”.

Descobrir que Theodore está namorando um SO, faz com que ela se revolte e se diga triste pelo fato dele não “lidar com emoções reais”. Para Martino, (2015, p.123-124) as “tecnologias conseguem suprir algumas de nossas maiores vulnerabilidades e ajuda a lidar com medos contemporâneos, o medo da solidão, mas também o medo de criar vínculos muito próximos com outras pessoas.”. Theodore tem a possibilidade de relacionamentos reais, mas, como Catherine acusa, ele não sabe lidar com a realidade, pois ela não se molda às suas exigências de ter alguém sempre aparentando felicidade ao seu redor. Catherine está sujeita a defeitos, como pessoa real, diferente de Samantha, como máquina, que é programada para atingir o ideal de perfeição.

Theodore é reflexo da vida nos dias atuais, que luta contra ansiedades à base de remédios – Catherine o acusa de querer que ela os tomasse – porque a resolução imediata do problema através de meios artificiais é mais fácil do que se buscar e moldar uma alternativa longa e dolorosa em seu caminho. E, dessa forma, seguindo a noção de Bauman (2009, p. 139) “o objeto que provocou desagrado (por não ter cumprido o que prometia, por ser inconveniente demais para ser utilizado sem problemas, ou por terem se esgotado os prazeres que podia proporcionar) é descartado.”. É interessante notar aqui, que Theodore tem quase o mesmo comportamento com Samantha, quando ela passa a ter personalidade e vontade própria.

Essa conversa com Catherine faz com que Theodore repense o seu relacionamento com Samantha e se afaste do sistema para refletir sobre si mesmo. Porém, esse momento de consciência e afastamento acaba por trazer de volta a solidão para Theodore, que fica apático novamente. Até o final do filme, não temos mais nenhum momento de menção à Catherine, até a partida dos SO's. É quando Theodore escreve um e-mail para ela, pedindo desculpas por ter esperado que ela fosse apenas o que ele queria e dizendo que a ama pelo crescimento que tiveram juntos. Ou seja, Theodore finalmente aceita que havia sido individualista no relacionamento, esperando de Catherine apenas o que ele queria para ele mesmo. Ele encerra o e-mail dizendo que apagou as brigas finais de sua memória.

Dessa forma, compreendemos que o relacionamento entre Catherine e Theodore, diferente do relacionamento com a máquina, apresenta os problemas de qualquer

relacionamento real e, assim, demandaria tempo e dedicação, além de empatia e uma visão que não fosse focada no individualismo de cada personagem, para se estabelecer. Porém, como vimos anteriormente, uma das características da sociedade atual é a efemeridade dos relacionamentos, exatamente essa pressa que não possibilita com que as pessoas queiram se dedicar a uma relação específica, principalmente quando há tantas outras possibilidades de fácil acesso e controle, provenientes da internet.

3.3 – Solidão do efêmero

O primeiro momento do filme no qual identificamos a solidão causada pela cultura da efemeridade, que encontramos na sociedade contemporânea, é a cena de sexo virtual entre Theodore e a usuária do *chat* de bate-papo. A insônia da solidão leva Theo a buscar sexo na internet, onde encontra pessoas igualmente solitárias à procura de companhia. Mas elas não procuram relacionamentos, procuram sexo e algo efêmero que aplaque momentaneamente a sua solidão. Algo que leve à satisfação momentânea, mas que não gere conexões mais profundas.

Theodore ouve as descrições das pessoas e se interessa pela que diz “Estou sozinha e não consigo dormir”. Mais uma vez, o personagem procura identificação de si mesmo no outro. Assim, começa uma conversa que se restringe ao conteúdo sexual. Nenhum dos dois procura algo que não seja para aplacar imediatamente a solidão e dar prazer. Não se busca aprofundamento, apenas satisfação imediata. Um ponto interessante desta conversa é o modo como podemos observar que a interatividade sem presença física, com a garantia do anonimato por meio dos *nicknames* (apelidos usados no *chat*), permite a “transgressão” do que seria considerado normal.

O comportamento incomum da outra usuária assusta Theodore, que, mesmo assim, leva a conversa até a final satisfação sexual da “parceira”. Mas a mesma, ao atingir seu objetivo, rapidamente encerra a ligação. A satisfação pessoal é atingida e o outro se torna apenas mais um, sem o interesse de estreitar laços. Bauman (2004), propõe que na sociedade moderna, “diferentemente dos ‘relacionamentos reais’ é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’”. Em comparação com a ‘coisa autêntica’, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear.” (BAUMAN, 2004, p.8). Ou seja, uma cultura consumista favorece o produto pronto para uso imediato e resultados que não exijam esforços

muito prolongados. A internet se torna o ambiente propício para essas relações em que se busca apenas o prazer e a conexão momentânea para diminuir a solidão.

Já o segundo momento do filme em que identificamos a solidão causada no contexto da modernidade, da velocidade e inconstância dos relacionamentos, do passageiro, é no encontro de Theodore com a garota – que não é nomeada em momento nenhum do filme. Quando os amigos de Theodore marcam um encontro às cegas para ele, o mesmo não parece muito interessado. É Samantha que procura a rede social e, através dela, descobre fatos sobre a vida da garota, que farão com que Theodore mude de ideia. Ou seja, a conectividade é utilizada para buscar alguém para aplacar a solidão e as redes usadas como um meio de contato prévio, se você gosta do que vê, então segue adiante.

Illouz (2011), ao relacionar o modo como os encontros amorosos se dão pela internet com o capitalismo da modernidade aponta que

A internet estrutura a busca do parceiro como um mercado, ou, mais exatamente, formaliza a busca de um parceiro sob a forma de uma transação econômica: transforma o eu num produto embalado, que compete com outros num mercado aberto, regulado pela lei da oferta e da procura; transforma o encontro no resultado de um conjunto mais ou menos estável de preferências; faz com que o processo de busca seja cerceado pelo problema da eficiência; estrutura os contatos como nichos de mercado; atribui um valor econômico (mais ou menos) fixo a perfis (isto é, a pessoas) e deixa as pessoas nervosas quanto ao seu valor nesse mercado estruturado, e ansiosas por melhorar de posição nesse mercado. Por último, deixa-as sumamente cômicas dos aspectos de custo-benefício de sua busca, seja em termos de tempo, seja no sentido de que elas querem maximizar os atributos da pessoa encontrada. (ILLOUZ, 2011, p.127)

Assim, todos os pontos que Samantha levanta ao buscar dados sobre a garota em seu perfil, contam como atributos de valorização do outro. Ela tem uma boa formação acadêmica (ciência da computação em *Harvard*), hobbies interessantes, escrevia em uma revista e é descrita como “bonita e inteligente” por Samantha. Ocorre a objetificação do outro, de forma que ele passa a valer pelo que tem e pelo que apresenta em seu perfil. Theodore só se arrisca a ir no encontro a partir do momento em que as características que atribuem valor à garota lhe são explicitadas (Figura 7).

O encontro entre os dois segue com a inabilidade comum a pessoas recém apresentadas que tentam se conhecer ao mesmo tempo em que buscam causar boa impressão. Mas desanda quando as ansiedades da garota, pelo medo da solidão e rejeição vêm à tona. Ela interrompe um momento mais íntimo e pergunta a Theodore: “Você não vai transar comigo e depois não ligar como os outros caras, não é?”. Ele responde que não. Mas a garota deflagra uma fala deveras

reveladora da sociedade nos dias atuais: “Nessa idade, não posso perder tempo se você não puder ser sério.”. É o medo da solidão, a corrida contra o tempo para não se estar só que faz com que a ansiedade sobressaia a ponto de se pressionar a outra pessoa antes mesmo de se tentar desenvolver um sentimento.



Figura 7 - A garota do encontro aparenta surpresa ao descobrir que teve seu perfil consultado antes do encontro.



Figura 8 – Samantha apresenta o perfil de Isabella para Theodore.

O terceiro momento que acreditamos representar a solidão do efêmero no filme ocorre quando conhecemos Isabella (Figura 8), a garota que se oferece para representar Samantha. Ao sentir Theodore distante, Samantha busca um serviço que fornece um parceiro sexual substituto para relacionamentos entre os sistemas operacionais e humanos. Ele questiona se a garota é uma prostituta, mas Samantha explica que as pessoas substitutas não recebem financeiramente, elas se oferecem apenas para se sentirem parte de um relacionamento, simulando ser o corpo físico do SO. Essas pessoas não conhecem os casais, além do que lhes é informado por eles.

Ou seja, a solidão dessa sociedade leva pessoas a se oferecerem para participar, mesmo que momentaneamente, do relacionamento de outras pessoas. Isabella é a personificação da solidão, tentando se envolver, emprestando o seu corpo, de alguma forma, em um relacionamento aparentemente bem-sucedido, do qual ela é informada por meio de trocas de e-mails com Samantha. Ela almeja por uma conexão real, mesmo que faça parte dela apenas como um corpo emprestado.

Tamanha é sua frustração ao ser rejeitada por Theodore, que Isabella pede desculpas e se sente como se tivesse sido culpada pela rejeição. Ela se sente como uma parte que poderia estragar o relacionamento, ao invés de se sentir incluída nele. A frase final de Isabella é: “Eu

sempre amarei vocês”. Isabella, se sente parte da história de Theodore e Samantha, pelo fato de poder tê-la acompanhado por meios do que lhe é contado por Samantha. Mas o que ela conhece são recortes do relacionamento, escolhidos pelo SO. Apesar disso, ela cria um vínculo com a história, como quem lê um romance literário e se apega aos personagens. Essa é sua tentativa de fuga da solidão, participar da história de outras pessoas.

Nesse ponto, é necessário relembrar a relação entre Theodore e Samantha. Illouz (2011) reforça o modo como a comunicação está diretamente ligada à capacidade de o ser humano ter empatia com o outro. Mas é preciso se pensar em como desenvolver ou encontrar empatia numa sociedade em que estão todos voltados para o individualismo, como podemos perceber nos recortes escolhidos neste tópico. Se empatia e simpatia são elementos importantes para a comunicação entre humanos, deixam de ser tão essenciais na relação entre humano e SO – já que estes são produzidos com a finalidade de demonstrar simpatia e empatia sem cobrar o mesmo em troca.

Se as relações entre humanos são pautadas pela troca dessas habilidades de um para com o outro, isso se perde na relação humano/SO, quando não há essa exigência por uma das partes. Ao mesmo tempo, em uma relação na qual não há essa troca, corre-se o risco de estimular ainda mais o individualismo. Se o indivíduo pode se relacionar com algo que sacie a sua vontade unilateral de falar, ser ouvido e, principalmente, não ser julgado ou contrariado, se torna difícil acreditar que ele despenderia tempo e esforço numa relação oposta a essa.

3.4 – Solidão buscada

Consideramos que *Her* é um filme que fala sobre solidão na modernidade, mas não que todos os seus personagens fujam dela. Em seu universo de tramas, identificamos dois personagens que podem ser considerados como artífices de um movimento oposto ao de tentar aplacar a solidão, eles parecem procurar por ela. Amy (Amy Adams) e Charles (Matt Letscher), amigos de Theodore, são os representantes desse movimento. Em nosso primeiro contato com o casal, vemos Amy agir de forma que não parece feliz no relacionamento e Charles agir de maneira controladora.

No documentário que está produzindo, Amy tenta passar a ideia de que gastamos a maior parte de nossas vidas dormindo e como talvez estes sejam os momentos em que nos sentimos verdadeiramente livres. Em nossa interpretação, considerando a sociedade hiperconectada em que vivem os personagens, acreditamos que Amy veja essa situação como de liberdade já que,

enquanto dormimos, estamos desconectados, podendo estar em contato apenas com nós mesmos. Esse é o momento da solidão, sem a influência de outros. Amy, de certa forma, é a personagem que prefere a solidão em função de um relacionamento que não a satisfaça e no qual se sentia solitária, embora acompanhada.

Quando se divorciam, após oito anos de casamento (Figura 9), Amy considera que a briga que gerou o término foi boba, mas deixa a entender que esse tenha sido apenas o momento limite em que deixou de aceitar o comportamento de Charles, que ela considera autoritário por diversas vezes. A conversa entre ela e Theodore pula rapidamente do casamento que deu errado para o emprego que considera ruim, demonstrando que talvez o término não tenha impactado tanto. Amy escolhe a solidão. Pelo menos até começar a amizade com o SO deixado pelo ex-marido.

Já Charles, envia um e-mail avisando a todos que vai fazer voto de silêncio por cinco meses. Assim, ele escolhe a religião (filosofia budista) como forma de se isolar dessa sociedade extremamente conectada. Com o fim do casamento, os dois escolhem formas diferentes de buscar a solidão. É interessante notar que o voto de silêncio e a escolha de afastamento pode ser indicativo da busca também da solitude. Se nunca estamos sozinhos, não encontramos a solitude necessária para o autoconhecimento. Bauman (2011), ao falar sobre o modo como estamos sozinhos em meio à multidão na modernidade, aponta a importância da solitude:

Fugindo da solidão, você deixa escapar a chance da *solitude*: dessa sublime condição na qual a pessoa pode “juntar pensamentos”, ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação. Mas quem nunca saboreou o gosto da solitude talvez nunca venha a saber o que deixou escapar, jogou fora e perdeu. (BAUMAN, 2011, p.17)

Assim, acreditamos que esses dois personagens procuram a solidão em meio a essa sociedade que parece constantemente conectada. Aqui, cabe mostrar um pouco da Los Angeles fictícia do filme, na qual as pessoas estão o tempo todo conectadas; em sua maioria, andam sozinhas falando ao celular ou digitando nele (Figura 10). As pessoas parecem falar sozinhas o tempo todo, mas estão falando em seus dispositivos móveis. Até mesmo nas poucas ocasiões em que aparecem acompanhadas, estão ao lado de outras pessoas que também estão usando celulares. Na maior parte das cenas urbanas, esse é o comportamento das pessoas. Embora tudo nessa sociedade seja feito de maneira a demonstrar interatividade tudo conflui para a solidão.



Figura 9 - Amy descarta seu casamento com apenas uma frase.



Figura 10 – Na maior parte das cenas, as pessoas aparecem conectadas aos seus dispositivos móveis.

Se as pessoas sentem “ansiedade de desconexão”, como apontado por Turkle (2012), um personagem – Charles – que procura o caminho oposto do universo conectado, encontrando no silêncio do voto da religião o seu caminho, se apresenta como uma oposição a ordem natural dessa sociedade. Já Amy, também se destaca pelo fato de não ter medo da solidão. Ao contrário, supostamente, ela a acha preferível a conviver com uma pessoa que restringe o seu modo de ser. Em uma sociedade na qual o comum é estar conectado o tempo todo, e socializar com outras pessoas principalmente por meio de dispositivos, praticamente negligenciando o mundo ao seu redor, é interessante encontrar os dois personagens destacados neste tópico.

3.5 – Solidão nas cartas

Theodore trabalha como escritor de cartas na empresa “Cartas escritas à mão”. Nela, os escritores são contratados para escreverem cartas como se fossem as pessoas que pagam pelo serviço, assumindo suas identidades. Eles recebem fotografias das pessoas envolvidas na troca de cartas e o programa no computador simula a letra de quem as envia (Figura 11). Essa empresa é a representação dessa sociedade em que tais personagens vivem. Para Tavares (2015, p.26) “Theodore é a própria máquina de produção de afetos, substância que constitui as relações de trabalho atuais e se transforma no produto vendido pela empresa onde ele trabalha”. Dessa forma, remetemos novamente à ideia do “capitalismo afetivo”, de Illouz (2011), já apresentada. Para Illouz (2011, p.25), no capitalismo pós-Freud e estudos terapêuticos a “linguagem da afetividade e da eficiência produtiva foram se entrelaçando cada vez mais, uma moldando a

outra”; assim, podemos considerar que o emprego de Theodore seria o ápice desse processo, já que produz e vende afeto em forma de cartas.

As imagens (silhuetas) usadas na decoração da empresa remetem a pessoas solitárias: homem sozinho caminhando de cabeça baixa, mulher solitária parada em pé, homem deitado encolhido, homem deitado em momento solitário de leitura, homem com guarda-chuva (Figura 12). Os escritores trabalham em baias unitárias e são reconhecidos por números, Theodore é o escritor 612. É interessante notar o contraste entre o fato da empresa se propor a vender sentimentos em forma de carta, mas, ao mesmo tempo, numerar os seus empregados como se fossem mercadorias. Ou seja, num mercado do afeto, ocorre a objetificação dos escritores. Numa sociedade em que a máquina produz afeto, escritores que também o produzem em forma de cartas, podem ser considerados como máquinas.

O protagonista é um dos melhores empregados da firma, escrevendo belas cartas em nome de outras pessoas, fato que contrasta com a falta de habilidade do personagem em expor os seus próprios sentimentos. Ele está conectado e expõe emoções o tempo todo através de suas cartas, mas não são as suas - a pessoa que escreve e cria sentimentos para os outros, não sabe lidar com os próprios, que o levam à solidão.

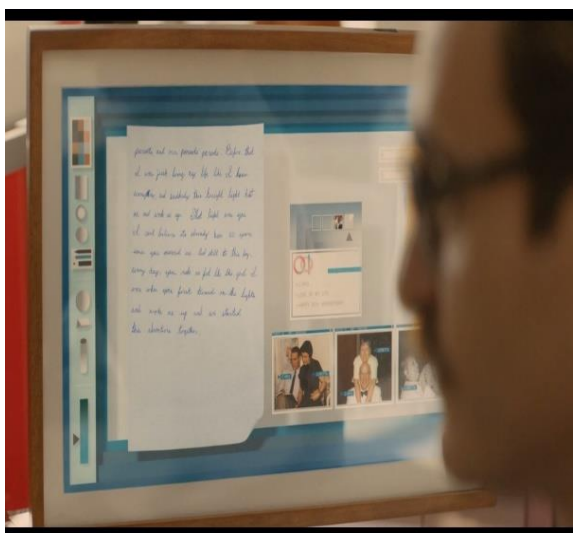


Figura 11 – Cartas ditadas que recriam e criam memórias de outras pessoas.

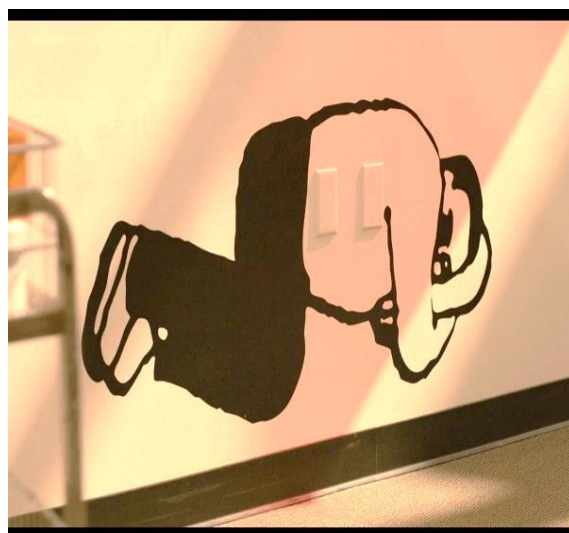


Figura 12 - Imagens de pessoas solitárias contrastam com o objetivo da empresa.

Ao longo da trama, vemos a sua relação com as cartas mudar. Quando está bem, ele escreve de maneira mais desenvolvida, quando não está, as desvaloriza, dizendo que “são apenas cartas” e se distrai em seus pensamentos pessoais. Theodore desenvolve uma relação de envolvimento à distância com as pessoas para as quais escreve as cartas por longos anos, mesmo

sem conhecê-las pessoalmente. Assim, ele imprime detalhes pessoais às cartas, baseado também nas informações que lhe são passadas. O escritor, que passa tanto tempo na solidão, está, dessa forma, envolto nas histórias de tantas outras pessoas.

Samantha faz uma compilação e envia as cartas de Theodore para a editora favorita dele, que se interessa por elas. O editor, que leu as cartas com sua esposa, se diz emocionado com elas e que “em todas elas encontramos algo de nós”. Ou seja, Theodore possui sensibilidade para escrever como outros, mas nunca possui para falar por si mesmo; pelo menos até o final do filme, quando finalmente escreve para Catherine.

Quando as cartas são publicadas, elas deixam de ser das outras pessoas e voltam a ser dele, como escritor. No livro, “Cartas da sua vida” (*Letters from your life*), por Theodore Twombly, podemos compreender o contraste entre a solidão do autor e o que ele escreve, personificando os sentimentos e criando momentos e recordações para outras pessoas que vivem acompanhadas. Mas este também pode ser o momento em que Theodore entra em contato consigo mesmo, ao ver que ele é capaz de escrever coisas tão belas em nome de outras pessoas, Theodore atinge o autoconhecimento necessário, influencia também de toda a reflexão que ele teve com Samantha, para escrever sobre os seus próprios sentimentos.

Dessa forma, acreditamos que a opção de escrever cartas, e a empresa em si, funcione como um ponto de contraste no filme, a começar pelo fato de vender cartas em uma sociedade na qual quase tudo se faz pela internet; a empresa que se propõe a vender sentimentos, trata seus funcionários como números e não de forma personalizada; A decoração, embora colorida e representando um ambiente acolhedor, apresenta imagens de pessoas solitárias; Theodore, expressa tão bem os sentimentos de outras pessoas, mas na maior parte do filme mal consegue lidar com os seus próprios. Assim, a empresa representaria, ao nosso ver, o contraste entre as pessoas solitárias e as pessoas sociáveis e não solitárias dessa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet e as mídias digitais forneceram ao indivíduo moderno a capacidade de aumentar os níveis de sociabilidade e os laços sociais por meio de novas formas de interação. Hoje, nos vemos cercados de tecnologias que facilitam o contato entre as pessoas, mas que, concomitantemente, providencia ferramentas para controlarmos a profundidade desse contato. Conseguimos saber muito mais sobre as pessoas que se encontram no meio virtual, mas na maioria das vezes apenas o que elas querem que seja de conhecimento alheio. Ao mesmo tempo, selecionamos cada vez mais o que queremos saber sobre tudo e sobre todos. Usamos a internet e as tecnologias de comunicação contemporâneas para aplacar nossa solidão e, ainda assim, exercermos controle sobre a intensidade das nossas conexões e sua intimidade.

Como vimos ao longo deste trabalho, muito desse comportamento deriva das alterações que ocorreram na sociedade até o presente momento. Assim, procuramos compreender de que modo o indivíduo moderno adquiriu características que se mostram relevantes na forma como são construídos os laços sociais e vínculos afetivos, assim como a relação entre internet e a solidão no mundo contemporâneo. Individualismo, narcisismo, rápida perda de interesse pelo outro – facilitada pela velocidade com que outras pessoas podem ser acessadas em seu lugar – e medo da intimidade são alguns elementos que acabam por se intensificar quando a principal forma de interação é por meio das mídias digitais e internet.

A maioria de nós está cotidianamente imersa no meio virtual, deixando muitas vezes de cultivar o relacionamento diretamente entre indivíduos para realizá-lo por meio de dispositivos eletrônicos. Logo, não causa estranheza que no filme sejamos apresentados a uma realidade na qual o sujeito se satisfaça unicamente com a relação direta entre indivíduo e máquina. A máquina supera as exigências que um relacionamento real talvez não pudesse fazer, ela confere ao seu usuário o que ele precisa para diminuir a solidão, sem as resistências e necessidades de um relacionamento entre indivíduos reais. A interação do homem com a máquina deixa de ser algo que surpreende quando pensamos no modo como estamos em conexão contínua e abrimos mão da presença física do outro em função da facilidade com que podemos fazer, ou desfazer, um contato.

Ao considerarmos o cinema e suas produções como uma forma de representação da sociedade na qual está inserido e, ainda, reflexo dela, acreditamos que o filme *Her* suscite algumas questões que geram reflexão sobre o momento atual de nossa sociedade. Se agora preferimos nos comunicar por meio da internet, pelas vantagens que esse contato oferece, podemos não estar longe da ocasião em que o relacionamento com a máquina possa ser visto

como preferível em relação ao envolvimento com outro indivíduo, dotado de vantagens e defeitos, que demanda tempo e dedicação para o seu desenvolvimento.

Outro ponto que precisa ser reforçado, e que já foi abordado neste trabalho, é o fato de que talvez, ao focarmos nossas atenções em dispositivos móveis e outros itens tecnológicos que facilitam a comunicação digital, possamos estar perdendo as habilidades de contato físico e pessoal com outras pessoas e, assim, deixando de fortalecer vínculos. É interessante salientar, ainda, o modo como, atentos ao mundo virtual, os indivíduos podem estar passando apáticos pelo mundo real, perdendo contato com seu redor imediato. Assim, ao fazerem da internet o seu principal meio de contato com o mundo, cria-se a sensação de nunca se estar sozinho, mesmo quando se está.

Destarte, acreditamos que o filme *Her*, demonstre por meio de seus personagens as diversas formas como a solidão se caracteriza e se amplia na sociedade contemporânea, considerando o modo como os relacionamentos se alteram em função das novas tecnologias de comunicação e mídias digitais. Se questões como individualismo, narcisismo, e outros elementos apontados anteriormente, afetam nossos relacionamentos tornando-os cada vez mais efêmeros, o relacionamento virtual pode se demonstrar como um paliativo para a solidão. Porém, ao conferir a ideia de que esse tipo de relação possa ser mais fácil de manter, cria o desinteresse no aprofundamento dos vínculos sociais, gerando, por fim, indivíduos mais solitários, questionando se a internet e as mídias digitais estão nos deixando mais próximos ou distantes uns dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista FAMECOS.** Porto Alegre: Sulinas, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/390/319>> Acesso em: 15 set. 2016.

CODATO, Henrique. **Corpo e voz no cinema contemporâneo: Algumas reflexões sobre o filme “Ela”, de Spike Jonze [body and voice in contemporary cinema: some considerations about Spike Jonze's film “Her”].** 2016. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/corpoevoznocinemacontempor%C3%82neo\(identificacao\) 3349.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/corpoevoznocinemacontempor%C3%82neo(identificacao) 3349.pdf)> Acesso em: 29 out. 2016.

DEUZE, Mark. **Viver como um Zumbi na Mídia (é o único meio de sobreviver).** MATRIZES, v. 7, n. 2, p. 113-129, 2013.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

IMBRONITO, Maria Isabel. O impacto das tecnologias digitais discutido através do filme Ela/The impact of digital technologies discussed from the film Her. **Revista FAMECOS,** v. 23,n.2,p.1,2016. Disponível em: <http://search.proquest.com/openview/fb105d7e57422a293eb832b9ef7ae8c9/1?pq-origsite=gscholar&cbl=237751> Acesso em: 29 out. 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** EDUSC, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Relógio D'água, 1983.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ROSEIRO, Maria Carolina Fonseca Barbosa. Caosmose das verdades nas formas de amor: o extracampo e o corpo vivido das expressões de uma heterogênese no filme Her. **Revista de Audiovisual** Sala 206, v. 1, n. 4, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sala206/article/view/11878/0> Acesso em: 29 out. 2016.

ROST, Mariana; BARROS, Eduardo Portanova. Eu sinto como se pudesse ser qualquer coisa com você": educ (ação) desde a metáfora do filme Her. 2016. **Revista Unioeste**. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/viewArticle/13916>> Acesso em: 29 out. 2016.

SÁ, Simone Pereira; POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Presentificação, vínculo e delegação nos sites de redes sociais**. Comunicação Mídia e Consumo, v. 9, n. 26, p. 13-36, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Josimey Costa; MOURA, Vanessa Paula Trigueiro. **Cidade, comunicação e mídia: relações contemporâneas e o filme medianeras: buenos aires na era do amor virtual**. XII Congresso Latinoamericano de Ciências de la Comunicación. Lima, Perú, 2014. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2014/12/GI4_Vanessa-Paula-Trigueiro-Moura.pdf> Acesso em: 22 ago. 2016.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

STEINKE, Anna Paula Zanoni. **Imagens da solidão na contemporaneidade: a contribuição do filme Her em uma perspectiva junguiana**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-10122015-101702/en.php>> Acesso em: 27 set. 2016.

TAVARES, Francine Da Rocha. Em um relacionamento sério com[igo]. Pensando o amor contemporâneo a partir da relação maquínica do filme Her. **Ciberlegenda**, n. 32, p. 20, 2015.

Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/826/398>>
Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. **Outro Amor, Por Favor. Pensando a Realidade Técnica do Afeto a Partir da
Relação Maquinica do Filme Her.** 2014. Disponível em:
<[http://www.espm.br/download/Anais Comunicon 2014/gts/gt seis/GT06 Francine Tavare
s.pdf](http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_seis/GT06_Francine_Tavare_s.pdf)> Acesso em: 19 ago. 2016.

TURKLE, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From
Each Other.* New York, Basic Book, 2012.



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Karina Mendes da Costa, autorizo o curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV a disponibilizar, através de seu web site (WWW.COM.UFV.BR ou endereço similar) o(s) arquivo(s) . PDF de meu Trabalho de Conclusão de Curso. Estou ciente que os arquivos estarão disponíveis para download neste formato.

Autorizo também o Curso de Comunicação Social/Jornalismo a publicar meu trabalho nos diferentes meios, formas e tipos de publicações que a Instituição achar desejável, observando a atribuição dos devidos créditos.

Viçosa, 02 de dezembro de 2016

Assinatura